



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS**

**CULTURA CORPORAL E FILOSOFIA UBUNTU:
Princípios educativos de coletividade e (re)afirmação de identidade da
população negra.**

CARLOS ELBER RIBEIRO MACHADO

**ITABUNA - BA
2023**

CARLOS ELBER RIBEIRO MACHADO

**CULTURA CORPORAL E FILOSOFIA UBUNTU:
Princípios educativos de coletividade e (re)afirmação de identidade da
população negra.**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-raciais.

Área de Concentração: Ensino e Relações Étnico- Raciais

Orientador: Prof. Dr. Rafael Petry Trapp

**ITABUNA - BA
2023**

**Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)**

M149c Machado, Carlos Elber Ribeiro, 1983-

Cultura corporal e filosofia Ubuntu: princípios educativos de coletividade e (re)afirmação de identidade da população negra / Carlos Elber Ribeiro Machado. – Itabuna: UFSB, 2023. - 158f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, 2023.

Orientador: Dr. Rafael Petry Trapp.

1. Ubuntu (Filosofia). 2. Cultura corporal. 3. Negros - Identidade racial. 3. Filosofia africana. I. Título. II. Trapp, Rafael Petry.

CDD – 370.11

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922

CARLOS ELBER RIBEIRO MACHADO

**CULTURA CORPORAL E FILOSOFIA UBUNTU:
Princípios educativos de coletividade e (re)afirmação de identidade da
população negra.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais - PPGER, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), como complementação dos créditos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação para o Ensino das Relações Étnico-Raciais, tendo como área de concentração, Pós-Colonialidade e Fundamentos da Educação nas Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Dr. Rafael Petry Trapp

Aprovada em: ___/_____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Dr. Rafael Petry Trapp

Examinador interno: Dr. André Domingues dos Santos

Examinador interno: Dr. Milton Ferreira da Silva Júnior

Examinador Externo: Dr. Itamar Silva de Souza

ITABUNA - BA
2023

*“Uma árvore não pode fazer floresta.”
(Provérbio Bini, Edo.Nigéria)*

Dedico essa produção a juventude negra das periferias, comunidades e favelas; que possam ter acesso a referências e legados ancestrais do nosso povo muito antes do que o meu tempo e transmitam com orgulho, de forma oral ou escrita para futuras gerações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Olorum, divindade suprema que acredito e tenho gratidão, a meu pai Oxóssi, que guia meu ori, minhas ações, atos e pensamentos, a Exu pela comunicação e conexão com ancestralidade, a todos guias, entidades e orixás eu agradeço pela proteção, luz e sabedoria durante essa travessia.

À minha família,

Agradeço minha companheira Danielle Maciel, minha filha Flora, minha mãe Elita e toda minha família pelo apoio sincero e amor incondicional, que gera base sólida para fortalecer e encarar todas as minhas árduas travessias pessoais, acadêmicas e profissionais.

Aos malungos do Zilda Arns,

Identidade e pertencimento estão relacionados ao lugar de bem-estar no mundo e sobre isso, só sabe quem vive. É preciso (re)significar os aprendizados e valorizar os sentimentos, destruir os rótulos e principalmente permitir um espaço para sentir a verdade do outro.

No CPX Zilda Arns, há conexão com ancestralidade, pois há amor, cumplicidade, respeito, empatia e camaradagem. E esses princípios são materializados nas relações humanas. Me sinto parte, e essa sensação é inegociável, pois para mim é um privilégio. Agradeço ao universo por cruzar os caminhos entre eu e eles.

À Universidade pública agradeço em nome do Dr. Rafael Petry Trapp, por acreditar e possibilitar a materialização desse sonho/projeto.

Agradeço a essa qualificadíssima banca por contribuir de forma significativa com as reflexões técnicas e principalmente humanas

Agradeço todas e todos que de alguma forma, através da partilha ajudaram nessa travessia.

RESUMO

Esta produção científica promove uma reflexão didática sobre as possibilidades de trato afropedagógico dos elementos da cultura corporal, à luz da Filosofia Africana, a saber: Ubuntu, uma relação que potencializa a transformação de tempos/espacos em produção de conhecimento educativo útil para a (re)afirmação da identidade negra e formação humana. Esse estudo apresenta e discute a compreensão filosófica de mundo, a partir do pensamento coletivo africano do povo Bantu, que sempre evidencia o “nós” em vez do “eu”. Neste trabalho foi possível desenvolver ações/reflexões com jovens negros da comunidade Zilda Arns, um bairro de localização periférica e marginalizado socialmente na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA. O objetivo desse trabalho é agenciar princípios educativos como capazes de fomentar a (re)afirmação de identidade da população negra a partir de experiências relacionadas às vivencias sistematizadas dos elementos da cultura corporal à luz da filosofia Ubuntu, potencializando a consciência de cada sujeito ser parte de algo maior e coletivo. Por fim essa confluência na roda do conhecimento realizada durante a pesquisa promoveu uma intervenção pedagógica que gerou como produto chamado “Caderno Afropedagógico”, que agencia uma metodologia capaz de referenciar uma práxis pedagógica antirracista a partir da ciranda do conhecimento da filosofia e da corporeidade.

Palavras-chaves: Filosofia Africana. Ubuntu. Cultura corporal.

ABSTRACT

This scientific production promotes a didactic reflection on the possibilities of pedagogical treatment of the elements of body culture, in the light of African Philosophy: Ubuntu, a relationship that potentiates the transformation of times/spaces into the production of educational knowledge, useful for the (re)affirmation of black identity and human formation. This study presents and discusses the philosophical understanding of the world, from the African collective thought of the Bantu people, which always highlights the "we" instead of the "I". In this work it was possible to develop actions/reflections with young black people from the Zilda Arns community, a neighborhood located in the outskirts and socially marginalized in the city of Santo Antônio de Jesus-BA. The objective of this work is to agent educational principles as capable of fomenting the (re)affirmation of the identity of the black population from experiences related to the systematized experiences of the elements of body culture in the light of the Ubuntu philosophy, potentiating the consciousness of each subject being part of something bigger and collective. Finally, this confluence in the wheel of knowledge held during the research promoted a pedagogical intervention that generated a product called "Afropedagogical Booklet", which provides a methodology capable of referencing an antiracist pedagogical praxis from the circles of knowledge of philosophy and corporeality.

Keywords: African philosophy. Ubuntu. Body culture.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. DOS CAMINHOS ABERTOS À ESCRIVÊNCIA.....	9
1.2. OBJETIVO GERAL.....	22
1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	22
2. CAPÍTULOS	23
2.1. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COMO ATO REVOLUCIONÁRIO COLETIVO ...	23
2.2. CONSCIÊNCIA ANCESTRAL DA CULTURA CORPORAL	31
2.3. A FILOSOFIA UBUNTU COMO POTÊNCIA PEDAGÓGICA.....	39
2.4. CAMINHOS POSSÍVES PARA (RE)AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA ..	50
3. CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	54
3.1. TRAVESSIA DO PENSAMENTO, ORALIDADE À ESCRITA.....	54
3.2. CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA.....	59
3.3. CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA-AÇÃO	60
3.4. ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS DE REGISTROS E ANÁLISES	62
3.5. INSTRUMENTOS ETNOGRÁFICOS DE REGISTROS E ANÁLISES	63
4. UBUNTU AFROATIVIDADE COMO MÉTODO PEDAGÓGICO	655
4.1. CONSTRUINDO E EXPERIMENTANDO A PEDAGOGIA UBUNTU AFROATIVIDADE	66
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
5.1. REFLEXÕES DA FILOSOFIA UBUNTU NAS VIVÊNCIAS DO PROJETO	69
5.2. REGISTROS DAS VIVÊNCIAS REALIZADOAS NO PROJETO UBUNTU AFROATIVIDADE	72
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	788

1. INTRODUÇÃO

1.1. DOS CAMINHOS ABERTOS À ESCRIVÊNCIA

“Há um passado no meu presente”

Milton Nascimento

AGÔ!

Antes de iniciar a apresentação dessa azeitada produção, peço licença e permissão a ancestralidade, pois nada do que foi produzido neste trabalho foi feito exclusivamente por mim. Tudo aqui é resultante de um xirê¹ pedagógico, uma verdadeira roda de dança para evocação e passagem para intuições e conexões ancestrais antirracistas.

Peço força e licença para Exu, o orixá mensageiro da comunicação, aquele que abre os caminhos, que deve ser saudado no início de qualquer atividade sagrada ou profana, popular ou acadêmica. Peço proteção e sabedoria meu pai Oxóssi, aquele que me dá prosperidade e materializa as minhas conquistas terrestres com a precisão certa de uma flecha só.

A ciranda da sabedoria é nutrida por conhecimentos, bem generosa, ela nos permite alimentar-se e alimentá-la, a roda da sabedoria é viva e dinâmica. A algum tempo venho dedicando meus esforços energéticos e intelectuais para sentir, pensar e viver um rompimento com modelo de educação e filosofia de vida que não me representa, não me respeita e me sufoca diariamente.

Indubitavelmente essa dissertação versa também sobre minha essência, com destaques reminiscentes às experiências pessoais, acadêmicas e profissionais, que a partir de um exercício de autoconhecimento e (re)conectividade com a minha ancestralidade, me permitiu compreender questões sobre pertencimento e identidade, que me individualiza e ao mesmo tempo me localiza dentro de uma coletividade. Acontecimento extremamente importante antes mesmo de pensar em produzir para contribuir com a existência de outros corpos pretos.

¹ Xirê é uma palavra Ioruba que o significa remete a círculo, roda, dança circular utilizada para evocação dos Orixás conforme cada nação.

Nesse (re)percurso fui atravessado e escolhido por uma temática filosófica instigante chamada Ubuntu², que posicionou minhas raízes diante de tudo que já fiz, faço, penso e vivo experimentando, pessoalmente e profissionalmente, compreendendo a educação como um dos principais mecanismos de transformação social.

Sou um homem preto, nordestino, bom baiano, natural de Santa Inês, município localizado no Vale do Jiquiriçá. Criado na escassez e pela força genuína de mãe solo, uma professora de magistério, hoje aposentada. Sou irmão mais novo de três, alfabetizado formalmente com giz branco no quadro negro no chão da escola pública e educado informalmente no seio familiar constituído principalmente por mulheres fortes, sábias, do interior do estado Bahia.

Assim como a maioria dos brasileiros pretos, fui alvo de várias formas de racismo, dentre eles o racismo recreativo, que tem o disfarce naturalizado em tom de brincadeira, como afirma Adilson Moreira (MOREIRA, 2019) no livro Racismo Recreativo pertencente a coleção feminismos plurais, organizado por Djamila Ribeiro. Moreira (2019) explica que a prática do racismo recreativo provém de um humor racista, e que é um tipo de discurso de ódio.

No trivial convívio entre colegas e amigos, sem ter qualquer tipo de noção conceitual e ou compreensão sobre estrutura racista, o mais comum era tratar de forma natural e até mesmo recreativa os diálogos que abordavam preconceito e discriminação.

Por conta das minhas características físicas; usava como estratégia e mecanismo de defesa negar, não me identificar e não reproduzir nada que me aproximasse da identidade negra. Cabelo sempre cortado baixo, vergonha dos tamanhos da boca e nariz, receio de transpirar e exalar “fedor de negro”, e principalmente em todas as oportunidades que o diálogo permeava sobre cores e tons de pele, eu tinha preferência de me declarar moreno ou pardo, a fim de se afastar do rótulo de negro.

Durante minha existência e caminhada sempre sou atravessado por várias situações relacionadas às abordagens discursivas pessoais e questões

² Ubuntu é um termo da linguagem banta dos povos Bantu (africanos). Uma expressão encontrada nas línguas Nguni dos Zulus, Xhosa ou Ndebele. Não existe uma tradução exata para a Língua Portuguesa.

institucionais corporificadas que naturalizam práticas preconceituosas, discriminatórias que até hoje se repetem como um Déjà vu.

Esse atravessamento diário acontece na perspectiva do racismo estrutural que conforme Almeida (2018), se torna estrutural quando é produzido e reproduz os sujeitos, a economia, a política, a sociedade e as subjetividades. E outra forma grave é o racismo institucional que trata de forma diferenciada a pessoas por conta da cor da pele no interior de organizações, instituições.

Estamos falando do racismo, que de acordo com Munanga (2005), remete a um conjunto de teorias, crenças e práticas que estabelecem uma hierarquia entre as raças, considerados como fenômenos biológicos que fundamentam o domínio de uma raça sobre outra.

E, para que a gente possa compreender a estrutura das questões raciais é preciso focalizar não só nas desvantagens sofridas por negros, mas também no privilégio desfrutado pelos brancos.

Para Almeida (2019), o racismo estrutural na sociedade brasileira, sempre afetou a forma dos relacionarmos sociais, afetivos e profissionais, gerando distribuição das posições sociais balizadas pelas desigualdades, epistemicídios e genocídios, implicando nas opressões sofridas pelos negros.

Essa estruturação das relações sociais, pautadas na lógica racial que determina a inferioridade das pessoas negras, promove uma desvalorização histórica de todas as experiências de africanas e diaspóricas.

Nos períodos de infância, adolescência e juventude não me recordo de contatos relacionados aos legados, referências ou conquistas africanas, sendo possível realizar uma crítica a forma que punha a Europa sempre como a protagonista da história da humanidade, constituindo uma noção coletiva eurocentrada do pensamento educacional e dos currículos escolares, com destaque para superficialidade dos conteúdos relacionados à história da África, que se reduzia apenas ao período da escravocrata e de sofrimento do povo negro. Para Fanon (2008), esse modelo se apresenta e se fortalece nas estruturas epistêmicas e curriculares desprezando e inviabilizando outras possibilidades.

Traçando uma linha pessoal do tempo/espaço educativo, recordo ter experimentado entre as décadas de 80, 90 e 2.000 um modelo de educação bancária tecnicista que comumente apresentava e criava no imaginário coletivo

a Europa como morada exclusiva da intelectualidade e sabedoria. A Grécia, por exemplo, tinha destaque pela posição de grande centro filosófico, com padrão de inteligência nitidamente formado por pessoas brancas.

A partir dos primeiros contatos ainda que superficiais, com princípios e valores de religiões de matriz africana, pude perceber que minimamente os fundamentos e costumes associados aos elementos da natureza configuravam-se como uma forma conhecimento e domínio de uma sabedoria ancestral e certamente sabia que eram legados de África, com base nas experiências vivenciadas, no conhecimento adquirido, e que quanto mais levado adiante ajuda a contar a história de um povo, através dos ensinamentos, são exatamente as reminiscências de cada povo e de cada sujeito pertencente.

Essa percepção também fica bem nítida quando me interesse por compreender a materialização da capoeira, levando em consideração aspectos históricos, legado educativo, formas metodológicas de ensino aprendizagem, transmissão oral de conhecimento e os ritos de celebração e confraternização.

O interesse por referências esportivas, musicais e principalmente por personalidades da luta antirracista, que se posicionam e usam o poder influente para combater preconceito e discriminação. Essas aproximações começaram a enegrecer meus pensamentos e fortalecer uma identificação com minha identidade, é a partir desse encontro que compreendo o potencial da população negra.

Sobre outras as experiências que compõe essa narrativa, destaco negativamente o raso debate sobre importantes aspectos que compõe a história africana e a diáspora, além da superficialidade do trato com os elementos tratados nas aulas de educação física no espaço escolar, limitando minha compreensão sobre os elementos da cultura corporal.

No início da travessia do processo de licenciatura em Educação Física, passei algum tempo acreditando que a sistematização dos esportes, jogos, lutas, dança, ginástica e outros elementos da cultura corporal seriam as únicas ferramentas que me permitiriam a aproximação e possibilidade de contribuição socioeducativa na vida de seres humanos.

Com trajetória de militância estudantil e oportunidade singular de estudar em universidade pública, pude aproveitar das lutas e da formação contextualizada, interdisciplinar e universalizada, que me permitiu transitar por

várias áreas de conhecimento essenciais para minha formação profissional, como filosofia, sociologia, antropologia, pedagogia e saúde.

Outro aspecto sedutor para me debruçar sobre estudos da temática foi o acesso às produções acadêmicas acerca do debate sobre questões de gênero e raça nos esportes e aulas de educação física que iniciou-se no período de graduação na UESC e posteriormente foi contextualizado na especialização realizada na UNEB com debates interseccionais sobre gênero, raça/etnias, sexualidades na educação.

Com acúmulo de conhecimento e aumento da autoestima acadêmica, pude compreender de forma mais evidente a possibilidade de construir referências antirracistas a partir da produção científica a fim de contribuir com educação e reconhecimento identitário das pessoas pretas.

Refleti e motivei-me com um apontamento citado na obra a “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire que diz, ninguém melhor do que o próprio oprimido para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora.

Surge então a ideia de estruturar minha práxis pedagógica e pensar um método de construção de conhecimento que pudesse contrapor ao modelo bancário que conheci, hora de pensar educação como prática para liberdade, assim como Hooks(2013), que cita ter sido amparada pelo pensamento Freiriano:

[...] o pensamento de Freire me deu o apoio de que eu precisava para desafiar o sistema da ‘educação bancária’, a abordagem baseada na noção de que tudo o que os alunos precisam fazer é consumir a informação dada por um professor e ser capazes de memorizá-las e armazená-las. Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática da liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chama de ‘conscientização’ em sala de aula. Traduzindo esse termo como consciência e engajamento críticos, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos (HOOKS, 2013, p. 26).

Para materializar as inquietações referenciei-me em Evaristo (2007), que fala em tecer “escrevivências” como processo de discorrer aquilo que nasce do cotidiano, das memórias, das lembranças, das experiências vividas por quem escreve e seu povo, é um processo de reminiscência.

Evaristo (2007) desenvolveu essa forma de pensar e conceituar quando fazia um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”.

Ela faz uma reflexão dizendo que, “ninguém chora diante de um dicionário e as palavras estão lá, arrumadas bonitinhas. Mas elas só ganham sentidos, elas só te tocam se você transformar em uma vivência possível, que você já observou, até em uma ficção”.

Essas vivências transformaram-se em inquietações que continuam me atravessando, por meios dos conflitos e tensões recorrentes, principalmente no que diz respeito ao apagamento dos legados e conquistas de pessoas africanas.

Através da perspectiva das escrevivências Evaristo (2007), fala sobre os corpos que indignados com a exploração, com a violação da dignidade, e com o racismo, devem produzir experiências que possam tecer sobre o amor que queremos viver e fazer prevalecer em detrimento do preconceito. Ela afirma que “a escrevivência serve também para as pessoas pensarem”.

Com o amadurecimento profissional/pessoal e o resgate reminiscente da minha própria história, pude perceber a existência de outros elementos importantes com potencialidades na contribuição efetiva para educação, através na construção de princípios de empoderamento, emancipação, autonomia, equidade e coletividade humana.

Enxergar o exercício da decolonialidade que tenta libertar a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica vislumbrando a descolonização dos saberes, possibilitou-me pensar uma linguagem educativa a partir da cultura corporal e da filosofia africana, através do raciocínio freiriano de educação libertária.

Esse processo reflexivo aumentou a minha convicção de que em uma sociedade estruturada pelo racismo, a educação configura-se como uma ferramenta potente e necessária para combater a discriminação e o preconceito enraizado de forma “cultural”

Para Geertz (1989), o conceito de cultura é percebido como um sistema simbólico em que os sujeitos constituem sua própria história, como um texto em que o ser humano está imerso e precisa ser interpretado. Para Munanga (2005):

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (MUNANGA, 2005, p. 17).

A depreciação dos fenótipos e dos aspectos socioculturais do povo negro sustenta teorias e ideologias que além da supervalorização dos padrões eurocêntricos, contribuem com a criação de categorias reducionistas, generalistas e opressoras da população negra.

Historicamente o homem negro e a mulher negra tiveram sua autoestima e identidade apagadas pelo processo de escravidão resultantes da estratégia da colonização. Essa população tem o seu direito natural de pertencimento negado, isso historicamente tem determinado condições especiais de vulnerabilidade.

O racismo se apresenta através de ações, crenças, comportamentos, conceitos que refletem em desigualdades evitáveis, que nutre uma hierarquia entre as raças/etnias que resultam em uma materialização habitual do preconceito.

Para Nogueira (2012), esse processo caracteriza a desumanização dos seres humanos, e impõe um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as potencialidades humanas.

Após a análise supracitada, surge a percepção da possibilidade de investir numa empreitada acadêmica que propõe uma compreensão da dimensão subjetiva de fenômenos sociais complexos para constituição de uma metodologia que pudesse ter pessoas pretas como referências diversas para uma construção indelével negra, representativa e principalmente inspiradora.

Nesse sentido, trabalhar as questões raciais com dimensão socioeducativa é mais do que apontar conceitos sobre a dicotomia da pele branca e não branca, é mergulhar em um processo de formação de identidade através de referências pretas, promover o multiculturalismo, princípios de coletividade e o respeito à diversidade.

Para Almeida (2019), o racismo está institucionalizado no imaginário nacional brasileiro, pois os estudos com relação às desigualdades raciais foram usados para justificar a inferioridade negra, sem fazer qualquer tipo de crítica às condições do negro na sociedade.

Essas narrativas aqui apresentadas apontam para a compreensão de uma possibilidade de utilizar a potente intersecção entre cultura corporal, filosofia africana Ubuntu e educação para promover empoderamento, o reconhecimento e ou construção da identidade negra.

Essa luta por construção de identidade tem uma coerência política, pois como afirma Hooks (2013), ela nasceu da resistência de grupos oprimidos ou explorados a fim de legitimarem uma posição, um lugar de onde seja possível tecer as críticas às estruturas dominantes, uma posição que dê significado e objetivo à luta.

Após estudos e comprovação de como a intelectualidade e os saberes historicamente produzidos em Africana e diáspora são tratados, de forma rasa e piegas, podemos refletir a partir da importância de construirmos nossas referências pretas, com intuito de promover o fortalecimento das questões relacionadas à identidade.

Mesmo que considerando a importância das contribuições eurocêntricas, concordo com o pensamento proposto por Nogueira (2012), de uma afrocentricidade, que tem a potente premissa de superar o paradigma eurocêntrico, valorizando e fortalecendo o pensamento filosófico africano, com bases em África e na diáspora.

O filósofo Renato Nogueira em suas investigações e produções denuncia os pressupostos do padrão “eurocêntrico” e procurando desenvolver abordagens para que o ensino de filosofia cumpra a obrigatoriedade de dar espaço para história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, com interpretação e divulgação das filosofias africanas numa perspectiva ampla e centrada em si mesmo.

A partir de buscas por leituras e referências afrocentradas, Ubuntu surgiu como uma perfeita alternativa para construir um processo educacional eficiente para relações étnico-raciais, onde discutimos e apresentamos as potencialidades decoloniais para superação do etnocentrismo.

A visão de mundo Ubuntu nutre conceitos de humanidade e manifestação como forma de viver e existir, assim o explica o filósofo sul-africano Magobe Ramose:

Ubuntu é a raiz da filosofia africana. A existência do africano no universo é inseparavelmente ancorada sobre Ubuntu. Semelhantemente, a árvore de conhecimento africano deriva do Ubuntu com o qual é conectado indivisivelmente. Ubuntu é, então, como uma fonte fluindo ontologia e epistemologia africana. Se estas últimas forem às bases da filosofia, então a filosofia africana pode ser estabelecida em e através do Ubuntu (Ramose, 1999, p. 1)

No cenário das filosofias, com dificuldades encontraremos acervos com discussões aprofundadas sobre as filosofias produzidas pelos povos africanos, sobre relações étnico-raciais e seus desdobramentos ou qualquer legado civilizatório do seu povo e seus descendentes, o que efetiva a invisibilidade dessas filosofias.

Esse processo eurocêntrico de inviabilização epistêmica e cultural africana visa invalidar seus os conhecimentos, levando os povos africanos e afrodescendentes para um lugar de incapacidade intelectual. Para Ramose (2011), esse apagamento filosófico africano, é fundamentalmente um questionamento acerca ontologia dos seres humanos africanos e diaspóricos.

Mesmo tendo pessoas expoentes como Machado de Assis, Lima Barreto, Luiz Gama, dentre outros, o processo de colonização foi fundamental na redução da imagem dos sujeitos africanos, resguardando-os sua desumanização, que caracteriza uma incapacidade de refletir e produzir criticamente e cientificamente.

Na contramão da história, movimentos negros lutam constantemente para desvelar e dar acesso às histórias das populações negras tanto na África quanto na diáspora, a fim de reescrever e legitimar contribuições filosóficas africanas importantes para construção social humana. Nessa perspectiva, as filosofias vinculam-se aos processos comunicativos, aos modos de acesso ao conhecimento ancestral, ao exercício da cidadania coletiva e à promoção do desenvolvimento sociocultural da população negra.

A citação de filosofias no plural, tem intencionalidade em mostrar que inclusive existe uma tendência do reducionismo cultural africano que deve ser

combatido. Não há apenas uma filosofia africana, são diversas as filosofias dos povos africanos, que tem na própria lógica estrutural a característica de um continente não hegemônico. Por isso, é importante frisar que há um recorte da filosofia Ubuntu dentre outras filosofias do riquíssimo continente africano.

O acesso da população negra às práticas corporais dentro e fora do espaço escolar resulta na construção sócio-histórica que vai influenciar diretamente na construção de signos, significados e identidades. Essas experiências precisam ser reconhecidas e valorizadas como possibilidade educativas de associação efetiva entre cultura corporal e filosofia.

A afrocentricidade pode ser uma possibilidade para construirmos críticas sólidas sobre o pensamento institucional educativo no Brasil, que de modo frequente aborda superficialmente os conteúdos africanos, tratando apenas como cota, principalmente a ausência de conteúdos relacionados às filosofias africanas.

Infelizmente os povos colonizados têm a tendência de continuarem dependentes das construções socioculturais dos seus colonizadores, vendo a si mesmos a partir da visão que o centro colonial tem sobre eles.

O debate sobre afrocentricidade elaborada na década de 1980 por Molefi Kete Asante, quando publicou o livro, *Afrocentricidade: a teoria da mudança social*, promoveu pela primeira vez, traz um detalhado conceito que propõe o desafio de construção identitária com fundamentos baseados em um pacto de existência das populações africanas e afrodiáspóricas com processos civilizatórios africanos, afirmando a potência do continente africano para fazer o enfrentamento à racionalidade ocidental.

Para potencializar esse trabalho que trata sobre identidade negra, foi necessário construir uma (re)conexão com minha ancestralidade, um (re)encontro que me presenteou com a filosofia Ubuntu, uma forma de renascimento a partir da travessia do atlântico, além da oportunidade de trazer essa filosofia à baila acadêmica na tentativa de impactar processos educativos da minha práxis junto a população negra.

Nesse sentido a filosofia Ubuntu está tratada aqui como um potencial metodológico na construção de humanidades emancipadas através da educação. Essa filosofia africana é para Ramose, (1999), “como uma corrente

do pensamento africano” do cotidiano dos povos sul-africanos zulu e xhosa, da África subsaariana, ele considera como a base da filosofia africana.

[...] Ubuntu é, então, como uma fonte fluindo ontologia e epistemologia africana. Se estas últimas forem as bases da filosofia, então a filosofia africana pode ser estabelecida em e através do Ubuntu. (p. 1).

A partir do supracitado apresento os argumentos dessa dissertação fazendo-lhes um convite para uma leitura atenta e reflexiva dessa “escrivência”, construída acerca da potente possibilidade pedagógica de vivências dos elementos da cultura corporal à luz da filosofia africana Ubuntu de forma sistematizada a partir de experiências corporais e debates críticos e filosóficos pautados pelo viés da dimensão socioeducativa coletiva.

A Filosofia Ubuntu aqui citada, é uma fonte do pensamento africano do povo Bantu que busca pensar de humanidade interconectada como tudo e todos que estão, passaram ou ainda vem ao mundo, intenção é perceber Ubuntu também como um princípio ético, epistemológico e ontológico constrói conceito próprio de coletivo e humanidade. “Ubuntu como uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica” (NOGUERA, 2012, p. 147).

A filosofia de vida ubuntuística apresenta-se em vários cenários e contextos com sua essência distorcida, estereotipada, numa visão colonizada espero que estudo possa contribuir com aprofundamento da compreensão humanizada desse pensamento.

Essa filosofia africana tem sua epistemologia fundamentada no coletivo, pertencimento, identidade e ancestralidade e tem ensinamentos do passado capazes de auxiliar caminhadas no presente e planejamentos para o futuro, pois a ancestralidade é antes de tudo um modo de ser e estar no mundo em movimento contínuo e dialético.

A terminologia Ubuntu é uma palavra originária do idioma Kibundu e não tem uma tradução exata para a língua portuguesa. Para compreensão da ideia a partir da palavra, o significado pode ser “a minha existência está conectada a existência do outro”.

Por sua vez, Nascimento (2016), diz que essa filosofia é uma maneira de estar na vida, é a essência de ser uma pessoa. Certificando que somos pessoas através de outras pessoas. Não podemos ser totalmente humanos isoladamente. Somos construídos a partir de uma interdependência.

Estamos falando de uma Filosofia dinamizada pelos povos negros, com suas particularidades, desenvolvida a partir de suas ricas experiências e que não precisam ser validadas por uma intelectualidade ocidental, e surge aqui como alternativa à decoloneidade e descolonização do conhecimento.

A partir das diretrizes do mestrado que propõe ações conceituais e modificadoras da realidade materializada, surgiu à construção do projeto de intervenção social instrumentalizado a partir de uma reflexão pedagógica que sistematiza vivências dos elementos da cultura corporal à luz do conhecimento Filosófico Ubuntu, originário da sabedoria africana, que acentua o conceito da essência da humanidade com o próximo.

Neste trabalho apresentamos a filosofia africana do Ubuntu como referencial afrocêntrico, como potencialidade na educação das relações étnico-raciais no processo educacional brasileiro.

Refletimos de que maneira a filosofia Ubuntu pode contribuir para a educação das relações étnico-raciais no Brasil?

Amparado no conceito de afroperspectiva, dialogando com Nogueira (2012), trago como caráter introdutório, uma pretensão de discorrer sobre a possibilidade da promoção do pensamento Ubuntu no tocante às relações das pessoas consigo e com as outras.

Esse modelo didático visa uma potencialização dos processos de educação da população negra, auxiliando jovens a refletirem criticamente sobre problemas sociais por meio de vivências conscientes que exercitam a autonomia, emancipação individual e coletiva do povo negro.

O filósofo sul-africano Mogobe Bernard Ramose explica que Ubuntu, traz uma feliz similaridade aos termos coletivos, se manifestando nos princípios da partilha, solidariedade, preocupação e cuidado mútuo. Recorrendo a epistemologia da palavra, em uma compreensão ontológica, temos uma noção compreensiva de Ubuntu como “a filosofia do ‘Nós’”.

Apresentar a ética e princípios da filosofia Ubuntu para os viventes do projeto é como criar uma maneira afroperspectivista de resistência e

configuração dos valores humanos em prol de uma comunidade capaz de compartilhar a existência (NOGUEIRA, 2012).

Dessa forma, esse projeto de intervenção tornou caminho para materialização de uma forma pedagógica, com conhecimento referente à intersecção de três campos: os elementos da cultura corporal, a filosofia africana Ubuntu e a educação.

A articulação entre esses elementos acontece com a fim de gerar possibilidades metodológicas sistematizadas de enfrentamento as estruturas que pautam a supremacia branca. A ideia de afroperspectiva, que segundo Nogueira (2012) tem sentido simples, configura-se como conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver a partir das matrizes africanas.

A concepção de diáspora africana sustentou toda a caminhada metodológica do plano de ação. Propostas civilizatórias com bases na filosofia Ubuntu extrapolaram a ideia de um evento específico e são cada vez mais encontradas nos repositórios acadêmicos, desenvolvidas como ações de intervenção antirracistas.

A escrita dessa dissertação e a produção de um produto metodológico Ubuntu Afroatividade, que foi gerado a partir do projeto de intervenção submetido a este programa de mestrado não finaliza minha inquietude por romper com a lógica do uso da filosofia eurocentrada como única base referencial histórica filosófica apresentada no meu processo histórico de aprendizagem.

Nas vivências do projeto de intervenção o símbolo da Sankofa³ aparece como uma referência conceitual com finalidade desenvolver no imaginário dos sujeitos participantes da pesquisa um resgate do legado da ancestralidade e dos valores associados a este símbolo, contribuindo efetivamente no processo de ensino-aprendizagem com significado a partir do ponto de vista da educação para as relações étnico-raciais. Nesse caso a educação não está

³ O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro.

restrita apenas ao ambiente e ou às práticas escolares institucionais mas também a cultura e sabedoria popular.

A representatividade da Sankofa, é histórica pois é um dos símbolos adinkra da arte Akan tradicional. As andinkras formam um sistema de escrita africana, que tem sido adotada como referencial no contexto das diásporas, que tem sua essência a ideia de um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, que significa sabedoria. Dessa forma é preciso revisitar o passado para compreender o presente e pensar no futuro.

Não se encerra neste trabalho minha busca pelo conhecimento e debate a cerca das possíveis formas pedagógicas de utilização dos elementos da cultura corporal como potentes ferramentas de contribuição educativa, qualidade de vida e saúde mental da população negra.

Uma velha/nova perspectiva que se fortalece a cada produção, com o propósito de continuar estudando e aprendendo para compartilhar com as minhas e os meus camaradas.

1.2. OBJETIVO GERAL

O objetivo dessa produção científica é potencializar princípios educativos de coletividade e (re)afirmação de identidade da população negra a partir de sistematizadas experiências com elementos da cultura corporal à luz da filosofia africana Ubuntu.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Inserir as interlocuções, ações e escrevivências como instrumentos reflexivos e transformadores da realidade social.
- Organizar elementos da cultura corporal de forma pedagógica, como ferramentas potencializadoras da educação da população negra.

- Utilizar elementos filosóficos de forma pedagógica, como ferramentas potencializadoras de compressão sobre identidade da população negra.

2. CAPÍTULOS

2.1. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COMO ATO REVOLUCIONÁRIO COLETIVO

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”.

Ângela Davis

Historicamente o racismo estrutural aniquila possibilidades de acesso aos mínimos direitos constitucionais, além das variadas formas de violência impostas contra o povo preto como encarceramento, feminicídio, violência obstétrica, homicídio, adoecimento mental e intolerância religiosa.

Realizando uma análise histórica, com base no banco de dados de pesquisas divulgadas pelo IPEA⁴ por exemplo – instituto de pesquisa aplicada, que realiza tratamento de dados relacionados a violência, podemos acreditar que o Brasil se encontra no rol mundial das nações que o racismo efetiva violências e desigualdades através das diferenças entre as pessoas brancas e não brancas que se encontram nas estatísticas.

Para Gonzales (1982), existe um monstruoso abismo social que separa negros e brancos no Brasil a muito tempo, desde a concepção de “nascimento do país”. Um racismo que tem essência residente na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não brancos e que até hoje constitui justificativa de domínio e poder.

No Brasil, direitos fundamentais como, educação, saúde, esporte e lazer são garantias constitucionais que, apesar de corporificar-se de forma escrita

⁴ O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) é uma fundação pública federal vinculada ao Ministério da Economia. Suas atividades de pesquisa fornecem suporte técnico e institucional às ações governamentais para a formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros

em artigos e parágrafos de leis, são historicamente negadas a grande parte da população, majoritariamente constituída de negros; servindo apenas como pilares para sustentação do “mito da democracia racial”, que defende a tese que no Brasil há tratamento igualitário para todos os cidadãos.

A negação desses direitos conduz a população negra para marginalidade, analfabetismo, desemprego, fome e violência, que são algumas consequências desse processo de exclusão e subalternização.

Recorrendo Gomes (2012), ela solicita trazer o racismo para o debate público, a fim de indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, afirmando que este movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante.

Infelizmente as relações raciais pautam discursos ideológicos que são extremamente influentes e ou determinantes até mesmo o tocante ao direito a vida. Questões de raça/etnia desdobram-se em uma dualidade discursiva entre mito da harmonia democrática defendida pela elite burguesa branca e as necessárias tensões diárias de sobrevivência vivenciadas pela população negra.

No livro *Racismo Estrutural*, Almeida (2019), dialoga com os leitores sobre a materialização do racismo dentro das estruturas sociais, políticas e econômicas da sociedade brasileira há uma negação do racismo, sustentada pela meritocracia, que dá culpabilidade os sujeitos pela própria condição, afirmando que eventualmente, as pessoas negras não fazem por si tudo que está ao seu alcance, sustentando essa falsa democracia racial.

Anualmente os levantamentos oficiais de painéis de monitoramento de violência divulgados pelo IPEA, apontam à população negra como parte mais afetada nos altos índices de violência do estado materializada através da polícia. Nós, povo preto, somos a maioria nos presídios e a maior parcela vitimada por homicídios.

Para Almeida (2019) a evolução desse conceito da democracia racial e a insistente negação do racismo se ancoram no conceito da meritocracia, afirmando que os negros devem se esforçar para usufruir de direitos de forma igualitária aos brancos, argumento que busca velar a desigualdade racial através da narrativa.

Por extrema conveniência a elite burguesa sustenta o discurso da meritocracia com base no tratamento de igualdade para todos, visto que as faces do racismo estrutural violentam diretamente a população negra e erguem muros sociais que compõe barreiras contra o acesso desses subalternizados, deixando a branquitude mais confortável perante qualquer tipo de concorrência.

Essa reflexão já vem sendo provocada com a existência de pessoas preocupados em discutir essa identidade racial branca desde os anos 50, como exemplo Frantz Fanon, que busca explicações relacionadas a posição identitária de pessoas brancas, que acha que racismo é problema dos negros, se negando a reconhecerem sua herança branca.

Segundo Gomes (2012), alguns setores sociais ainda olham com desconfiança a adoção da raça como categoria de análise, mas ela chama atenção para a compreensão das relações étnico-raciais. Para Nilma (2003), o racismo é comprovado que a centralidade da raça no Brasil e nas sociedades latino-americanas, desde as suas primeiras organizações no século XX, de várias formas e abordagens.

Para Gonzales (1982), todos os arranjos criados na sociedade até aqui, favorecem a classe capitalista, operando para a burguesia em detrimento a classe trabalhadora.

A negação desses direitos aliada a outros arranjos sociais conduz a população negra para marginalidade, desencadeando um processo de subalternização. O desemprego, analfabetismo, fome, violência são algumas consequências desse processo de exclusão.

Mesmo aqueles que conseguem transpor essas barreiras sociais têm muitas dificuldades de convívio social, como por exemplo, o acesso e permanência ao ensino superior, trabalhos em condições de precariedade.

É imprescindível compreendermos que o “mito da democracia racial” não está ligado apenas às questões morais. Como diz Almeida (2019), há um esquema complexo de organização de estratégias sociais de dominação adaptadas de acordo a especificidade do momento histórico e do tipo de dimensão que se debate.

Uma composição histórica, não é simplesmente fatídica, ela é lógica e oriunda das relações de poder, entre política, economia e raça. Compreender a

estrutura racista é ver como se materializa privilégios brancos e como marginaliza pretos nos diferentes contextos sociais, inclusive na educação.

Sobre educação, quando se fala sobre sua natureza e especificidade, Saviani (1984), afirma que a natureza da educação é um trabalho material histórico no qual o resultado não pode ser separado do ato de produção e da sua especificidade.

Ele afirma que os conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes e hábitos que são passados para os indivíduos com uma natureza secundária, que é desenvolvida por meio das relações pedagógicas determinadas de acordo com a história. Por isso percebemos que a intencionalidade do processo educativo está diretamente ligada a histórica lógica racial.

Analisando o viés tecnicista, educação é caracterizada por um processo de aplicação dos métodos e metodologias, deve ter por objetivo promover a formação humana nos aspectos de desenvolvimento intelectual, físico, moral, com bases na pedagogia, ensino e aprendizagem. Mas, a perspectiva freiriana contribui com a direção desse trabalho, como exemplo no livro "A Pedagogia do Oprimido", que Paulo Freire ficou reconhecido mundialmente pela contribuição à pedagogia crítica, contrária à educação tecnicista e alienante.

A educação por uma definição ampliada, é um fenômeno responsável pela perpetuação ou transformação sociocultural, através do ato de ensinar e de aprender. Logo é possível ampliar os horizontes e pensar de maneira mais humanizada quando se pensa em formação e transformação dos sujeitos.

Isso acontece não necessariamente apenas na escola, mas também em outros tempos e espaços, com a premissa de ir para além da alfabetização. Afinal como sugere Freire (1996), educação é uma especificidade humana, um itinerário capaz de levar o sujeito de um lugar para outro.

Categoricamente Libâneo (2010) afirma "ninguém escapa da educação".

A partir dessas premissas, acredito que a educação não deve somente atender à demanda da construção de saberes, os desafios atribuídos ao cumprimento da função formativa e de inclusão também devem estar inseridos na missão educativa. Devem dialogar com a missão de conscientização crítico reflexiva, Hooks (2013) ensina sobre o método da educação via transgressão como caminho para o aprendizado e prática da liberdade.

É necessário o desenvolvimento de um processo democrático que reconheça e valorize a diversidade humana, que leve em consideração as individualidades como elementos enriquecedores do processo educativo com base na construção histórica.

De acordo com Louro (1997) a educação considera lidar com questões importantes para formação humana, como as relações sociais que são atravessadas por diferentes discursos, símbolos, significados, representações e práticas, que vão construindo suas identidades, e assim os sujeitos vão arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Segundo Saviani (1984), a educação é um fenômeno próprio para formação de seres humanos e isso expressa a existência de uma forte conexão entre humanidade e educação. A partir dessa informação fica evidente a ideia de que a educação serve como base para formação humana desenvolvida por meio das relações pedagógicas determinadas de acordo com a história. Nos variados tempos e espaços acontecem educação:

Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (LIBÂNEO, 2010, p. 26).

No que se diz respeito à prática educativa, os professores são agentes fundamentais na possibilidade de ajudar os estudantes a pensarem criticamente a respeito dos valores sociais, além de instigá-los a vivenciarem o respeito mútuo.

Dessa forma o avanço da educação para todos e todas, e não apenas para uma parte da sociedade, podemos enquanto professores refletir sobre a concepção do filósofo húngaro e marxista Mészáros (2005), que versa sobre a lógica do capital:

[...] sem romper com a lógica do capital não poderemos contemplar uma criação de uma alternativa educacional significativamente diferente. Esse pensamento é um chamado para reflexão perante o comportamento do educador quanto a sua práxis pedagógica, sugere refletir se o que está sendo vivenciado tem representação significativa

para a sociedade em geral, ou apenas para parte dela, nesse caso a classe dominante (MÉSZÁROS, 2005, p. 27).

Nessa perspectiva configura-se como o grande desafio, reescrevermos a história de homens e mulheres pelo viés da equidade, apontando para o equilíbrio de oportunidades entre as pessoas independente do gênero, raça, condição econômica ou qualquer outro marcador social, na tentativa de superar os paradigmas relacionados as questões de gênero.

Não deve ser condição exclusiva para transformação social condicionar a escola ou os educadores essa mudança, seria no mínimo irresponsável, porém, podemos garantir que há uma contribuição significativa a ser dada para os personagens da educação, e é inegável a efetividade das contribuições para o processo de (re)construção social. Mézáros (2005) afirma ainda que:

[...] uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade em cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudanças (MÉSZÁROS, 2005, p. 25).

A lógica capitalista propõe a concepção do bem-estar com a premissa da individualidade. Nas culturas filosóficas africanas, o modo de vida propõe a qualidade de vida a partir bem-estar coletivo.

A melhoria da sociedade através da educação pode estar na articulação com os interesses populares coletivos. Temos que nos apropriar do espaço de transmissão de valores que e contribuir com a superação do antagonismo, do dualismo, da dicotomia dos paradigmas e principalmente do individualismo.

Para Freire (1996) quando ele publicou o livro com título “Pedagogia da Autonomia”, sua linha de raciocínio apontava para a educação como ato político com base na valorização do diálogo.

A educação tem outro papel importante na promoção, desenvolvimento, convivência e respeito ao processo democrático, ao mesmo tempo que deve levar em consideração as subjetividades, a fim de fortalecer e valorizar a diversidade humana e a coletividade.

Pensar em uma educação para além da alfabetização é construir uma prática que combata não apenas o analfabetismo, mas também o sexismo, o racismo, a homofobia, e todas as formas de intolerância, contribuindo com o rompimento do silêncio e promovendo quebra das relações hegemônicas e fortalecendo a coletividade harmônica.

Observando por esse prisma, penso no grande desafio da educação, de reescrevermos a história de homens e mulheres pelo viés da equidade. Não que a transformação social seja a condição exclusiva condicionada aos educadores, porém, podemos assegurar que há uma contribuição significativa a ser dada para os personagens da educação, e é inegável a efetividade das contribuições para o processo de (re)construção social.

Para transformar a realidade Hooks (2013) propõe na escrita da pedagogia engajada “um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”. Ela defende metodologia transformadora, com professores capazes de ensinar sobre transgressão de barreiras sociais como de raça, gênero, classe, entre outras até conseguirem a compreensão pessoal de liberdade.

A atuação dos educadores é de suma importância no processo de construção humana, a fim de formar sujeitos conscientes para os direitos humanos, desenvolvimento autêntico da personalidade, combate às desigualdades, para o pluralismo e para a liberdade.

Para Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimentos, é preciso reconhecer que a educação é ideológica.

Utilizando esses argumentos como mola propulsora, peço licença poética para citar musical do cantor e compositor de Rap, Leandro Emicida, que em uma música afirma que as lutas e conquistas do povo preto “É tudo pra ontem”.

Nesse trecho fica expressa a necessidade urgente de assumirmos posturas decoloniais e criarmos outras estratégias para que a população negra tenha acesso e ocupe os tempos/espços historicamente embranquecidos e controlados pela sociedade, inclusive a educação. Hooks (2013) corrobora com a ideia quando diz:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais

fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado. (HOOKS, 2013, p. 25).

Precisamos estabelecer ações afirmativas educativas formais e não formais para a liberdade, através de propostas que construam singularidades sem reiterar identidade aparente ficcional.

Aqui, compreendemos educação nesse debate a partir de uma visão mais ampliada, certamente presente em qualquer sociedade, um elemento social dinâmico, que por meio do ato de ensinar e de aprender, torna-se responsável pela sustentação ou transformação das culturas, permitindo o trânsito dos sujeitos de um lugar para outra sociedade.

As experiências sistematizadas nesse trabalho são propostas como intencionalidade pedagógica não formais, com metodologia que não labuta com notas, organização seriada, como na educação formal, mesmo sendo referenciadas por autores que pensam da educação formal.

Essa proposta estrutura tem organização flexível e adaptável ao longo do processo das vivências, leva em consideração a realidade a ser aplicada. Nesse caso específico, esse projeto de mestrado foi materializado como trato pedagógico da educação não formal, que se caracteriza porque ocorre fora do sistema formal de ensino.

Para Libâneo (2002), a educação não-formal refere-se às organizações políticas, profissionais, científicas, culturais, agências formativas para grupos sociais com atividades de caráter intencional. Essa educação no Brasil se preocupa principalmente com a realidade social de pessoas que vivem marginalizadas em bairros periféricos.

Aqui compreendemos para além do assistencialismo, acreditamos na aprendizagem significativa de princípios, valores e empoderamento por meio das práticas sociais referenciadas.

Diante de um contexto lido como desfavorável da educação formal no Brasil, a educação não-escolar tem um papel importante, configurando-se como um caminho complementar e alternativo para o fortalecimento da educação, com o intuito de oportunizar outros caminhos, olhares, valores à cerca da compreensão da importância da educação para além do letramento acadêmico, servindo também como uma possibilidade de interlocução com as

diversas instituições da sociedade e certamente sem a pretensão de substituir o papel escolar.

2.2. CONSCIÊNCIA ANCESTRAL DA CULTURA CORPORAL

“Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje.”

Ditado ioruba

Ao exercitar o pensamento de acordo com a filosofia e cultura africana, o nosso corpo é fenômeno ancestral.

Penso que refletir sobre ancestralidade, é preciso compreender sobre genealogia e fenomenologia, pois não somos apenas corpos biológicos, somos também elementos culturais e sociais, resultantes do um processo contextualizado. Somos corpos com heranças genéticas naturais e marcas sociais que nos transmuta de acordo com nossas trajetórias de vida. Fenômenos físicos, concepções filosóficas, espirituais e até mesmo míticas corroboram para construção do nosso espectro cultural e social.

O contexto atual tem intensa busca divulgação da sociedade, principalmente ocidental, por compreensões e práticas corporais que reflitam diferentes formas subjetivas de valorização e cuidados com a saúde também com intelectualidade, gerando mudanças de atitudes, de pensamentos e de comportamentos sociais.

O corpo humano pode ser concebido cientificamente como uma matéria que ocupa um lugar no espaço, com fronteiras, e centro vital. Na visão ocidental este corpo é algo material e fisiológico. Na afroperspectiva, que leva em consideração a centralidade do pensamento africano, ele também é pensado como um território, que é sagrado, pois é o primeiro território do qual nós somos os responsáveis. Para Azoilda Trindade:

[...] é importante ressaltar, também, que diversos povos e grupos étnicos e culturais concebem e interagem com o corpo diferentemente: uns amam o corpo do outro; uns escravizam e vampirizam o corpo do outro, usando o corpo alheio; outros destroem o próprio corpo se autonegando, se mutilando... Uns sacralizam os corpos, humanos, sociais e políticos; outros reduzem e negam o

corpo do outro; outros, ainda, escondem os seus próprios corpos como se deles se envergonhassem (TRINDADE, 2010, p. 71).

Pensar em corpo é refletir historicamente sobre existência, é perceber que com ele vivemos, por ele existimos e a partir dele somos no mundo. Para um povo que foi brutalmente sequestrado do continente africano e vieram parar no Brasil só com seus corpos, foi na dor que eles aprenderam a valorizá-los como patrimônio material sagrado mais importante.

No Brasil, a desigualdade social é uma marca histórica, promovida pela invasão, engano, catequização, colonização dos povos indígenas e pelo processo de sequestro e escravização dos negros, esses fatos desenvolveram o atual sistema de opressão que vigora até os dias atuais, discriminando, marginalizando e matando desenfreadamente os corpos pretos.

Números do Mapa da Violência, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais apontam para um registro de que a cada 23 minutos no país morre um jovem negro. A Organização das Nações Unidas (ONU Brasil) desenvolve trabalhos com a relação entre racismo e violência no país.

Sobre esse desenrolar histórico, Abdias Nascimento (1978) aponta para os caminhos do processo de colonização a fim de revelar aos leitores sobre o racismo como fator estruturante da sociedade brasileira que diariamente rasura intelectualidade e destrói o corpo preto, consolidando fenômeno do genocídio da população negra.

A discrepância de oportunidades e acesso no Brasil é um marcador gritante e incompatível com o processo democrático pretendido pela população, esse desequilíbrio acontece, pois, os sujeitos são teoricamente iguais perante a constituição, mas recebem tratamentos desiguais por conta de sua construção estrutural racista.

A organização de estrutura social percebida por Fanon (2008) nos auxilia na compreensão histórica ao analisar que a presença do corpo negro nos espaços estremece a postura corporal do branco. Ele afirma ainda que o racismo antinegro, inaugura-se um ciclo de fobias, fruto da cisão entre corpo e mente, que cria uma urgência do branco em neutralizar não só ideologicamente, mas também politicamente o negro.

“...mas é na corporeidade que se atinge o preto. É enquanto personalidade concreta que ele é linchado. É como ser atual que ele é perigoso”. (FANON, 2008, p. 142).

A ideologia de supremacia branca visa, portanto, “matar” o corpo em si ao relegar ao outro tudo o que é corpo.

Como exemplo clássico, constata-se que nossos corpos negros, tem sofrido muito mais com a violência e baixa escolaridade, e correspondemos a um número significativo no que diz respeito ao índice de desempregados e assassinados no país.

O desinteresse histórico do Estado em planejar, promover e gerenciar políticas públicas sociais voltadas para o atendimento das necessidades básicas da população contribui com fenômeno da exclusão social, que é a negação, não participação, não possibilidade de acesso de grande parte de população negra aos seus direitos fundamentais, colocando esses sujeitos no lugar de exclusão e sensação de não pertencimento.

Recorrendo aos aspectos históricos, percebe-se que o Brasil se encontra no rol mundial das nações em que o racismo efetiva violências e desigualdades através das diferenças entre as pessoas brancas e não brancas.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020, mostram que mais da metade da população brasileira (54,9%) é preta ou parda, em sua maioria pobre, vivendo em condições precárias e sem oportunidades; o que dificulta ainda mais o acesso aos recursos fundamentais, como alimentação, saneamento básico, sistema de saúde e conhecimento.

Essa toada do racismo se evidencia sobre os corpos pretos localizando-os na sociedade como mais vulneráveis, desprovidos de saberes, historicidade e cultura, cuja corporeidade é desumanizada. Desse modo, os contextos sociais em que esse corpo preto estereotipado circula, é atravessado por desafios diários e de acordo com Fanon (2008, p.95) “o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir”.

Destarte essa compreensão, de despertar da consciência corporal com base na força, resiliência e resistência ancestral, promovem deslocamentos acerca do corpo negro, passando a vê-lo como um ser humano que carrega história, saberes e cultura.

Esses saberes e as práticas humanas, se manifestam dinamicamente no cotidiano histórico-social, eles são forjados em diversos contextos socioculturais, que tendem à sua convencionalização. Essa culturalização dos elementos corporais acontece de acordo com épocas e contextos socioculturais distintos, pois pertence ao processo criativo do ser humano, como por exemplo o esporte moderno, que tende a convencionalizar-se como um produto a mais na perspectiva capitalista de mercado.

A sistematização das práticas corporais surgiu por volta do sec. XIX, em meio a Revolução Industrial, por conta do urbanismo que era embalado pelo “sonho civilizatório”. Soares et al. (1992) conta que a necessidade surgiu a partir do “descontrole” do estilo de vida dos sujeitos (sexo, alcoolismo, doenças), que aos olhos do empregador, prejudicava nos desempenhos e disciplinas trabalhistas. Essa sistematização surge para cuidar do “físico” das pessoas, numa perspectiva higienista.

A educação física passa a ser área de estudo responsável por sistematizar as práticas corporais, assumindo o papel social subalterno de cuidar apenas do físico das pessoas, enquanto as outras áreas e disciplinas cuidariam do conhecimento relacionado a saúde mental.

Com passar dos tempos e a evolução da área, uma ruptura filosófica e conceitual contesta o papel subalterno da Educação Física. Segundo Freire (1997), o professor Manoel Sérgio em Portugal afirma que uma pessoa não tem um corpo, ela é um corpo e essa corrente ganha força no Brasil, com as publicações de Vitor Marinho de Oliveira, Livro: O que é educação física e João Paulo Medina, livro: A Educação Física cuida do corpo e da mente.

Atualmente a área tem legitimidade no papel de promover hábitos de saúde na sociedade, porém o novo modelo de pensar e agir em saúde, originando novas possibilidades de atenção para população, que implica na readequação do modo de intervir dos profissionais da área. Para Freire (1992, p.13) “corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo”.

Os elementos da cultura corporal como, por exemplo, os esportes, são como grandes fenômenos sociais dos últimos tempos, mesmo com características capitalistas eurocêntricas, podem configurar-se como uma ferramenta de auxílio no processo de desenvolvimento educacional,

sociocultural e de saúde do ser humano, pois a partir da metodologia selecionada, são capazes de ir além da prática sadia e prazerosa, promover o desenvolvimento da criatividade, de competências e senso crítico.

A prática desportiva educacional segundo Bracth (1986), deve ensinar o praticante a conviver com a vitória/derrota, a aprender a vencer pelo esforço pessoal, a adquirir a partir do esporte, independência e confiança em si mesmo, a essência de responsabilidade.

Segundo alguns dados da UNESCO (2011), o fenômeno esportivo é visto como um “meio” de promover mudanças de comportamentos e ajudar a construir uma consciência sobre si e do outro nos diversos contextos sociedade. Assis (2001), afirma que o esporte por ser uma construção histórica humana, ela é passível de ser o que quisermos que ele seja. Aqui acredito muito na intencionalidade pedagógica.

Os princípios, valores, costumes, saberes e ensinamentos que estão ligados às culturas corporais e também as filosofias africanas tem semelhanças por serem passados de geração em geração através de ancestralidade, memória e oralidade, mantendo uma tradição do processo de ensino aprendizagem.

No que tange a cultura corporal, através do campo de estudo da Educação Física, Betti (2009) reconhece a necessidade de mais rigor metodológico nas produções da área, principalmente as “qualitativas”.

Ele afirma que há lacunas desse tipo de pesquisa, como por exemplo deixar a parte estudos interdisciplinares, pouca atenção nos critérios que visam aumentar a credibilidade da pesquisa e pouca preocupação em discutir a possibilidade de transferibilidade. O autor aponta a superficialidade no debate epistemológico e metodológico com a cultura corporal na Educação Física no Brasil (BETTI, 2009, p. 247).

Para entender a atuação do professor de educação física para além de um componente curricular da educação formal, se faz necessário a apropriação do contexto histórico, dos seus objetivos sociopolíticos e econômicos, para assim balizar seus reflexos e possibilidades de engajar uma práxis compromissada também com educação não formal.

Na medida em que um dos objetos centrais do debate é a cultura corporal, mesmo no ambiente não formal os elementos podem ser

apresentados segundo categorias conceituais, que trata sobre os fatos, os conceitos e os princípios; categoria procedimental, que estão ligados ao saber fazer e também a categoria atitudinal, que tem haver com as normas, valores e atitudes.

O processo de aprendizagem dessas práticas, enquanto conteúdos sistematizados a luz da filosofia Ubuntu, devem ser ampliados para além do foco educacional, considerando suas dimensões potencializadoras das capacidades de interação social, de descontração e lazer, de promoção da saúde mental pessoal e coletiva, atendendo também debates vinculados com outros temas transversais, que atendem uma demanda sociocultural.

Dentre os elementos da cultura corporal, pensar em esporte contemporâneo, é tratar de um fenômeno sociocultural plural e presente direta ou indiretamente no cotidiano de todo ser humano. A dimensão social e compreensão desse fenômeno como ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento humano têm bases e consensos sólidos, com produções em larga escala que evidenciam cientificamente esse argumento.

A práxis sugerida nessa proposta deve trabalhar os elementos da cultura corporal que foram construídos historicamente pela humanidade em tempos e espaços determinados diversos de forma sistematizada de forma orientada por uma teoria pedagógica. (TAFFAREL Et al., 2005, p. 03).

Ao pensar o caminho a ser percorrido através da pesquisa-ação, optei por abordar a práxis da cultura corporal no contexto dos esportes na dimensão participativa e educativa, reconhecendo-os como categorias historicamente comprometidas com a emancipação e formação humana.

Isso significa pensar no desenvolvimento do sujeito como um ser social, através de propostas que liguem educação, a cultura e o esporte. Para tanto se torna necessário um desenvolvimento das competências humanas em paralelo e em conjunto fundamentalmente com as instituições educacionais. Bracht (2003), ressalta que sem negar o potencial educativo do esporte, é preciso que o esporte passe por um trato pedagógico para que se torne um saber característico do processo educativo na perspectiva de uma determinada concepção ou projeto de educação.

Nessa presente proposta, o modelo pedagógico configura-se como atuação da concepção chamada crítico-superadora, lidando com a reflexão

crítica dos elementos elencadas na sistematização das vivências. (COLETIVO DE AUTORES, 1992), abordando principalmente signos, significados, conceitos e classificação do esporte.

O modelo ativo/reflexivo aplicado no projeto fortalece a formação e promoção com princípios democráticos na relação entre professor e participante, que estimula a criatividade na construção coletiva de conhecimento. Mesmo sem ser com foco tecnicista ou desenvolvimentista, o projeto por meio do conhecimento pedagógico do professor na aplicação de estratégias, metodologias e modelos ensino dos esportes, acaba por contribuir indiretamente com desenvolvimento psicomotor e de múltiplas inteligências através das vivências do esporte educativo.

O esporte aqui tratado na dimensão educacional, tem o foco na inclusão social, no processo de aprendizado e desenvolvimento integral do ser humano. Desenvolve-se no sentido de adaptar regras, estruturas, espaços e gestos motores de acordo com as realidades e necessidades sociais apontadas pelo projeto. Como discute o Coletivo de Autores (1992), o esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica.

Tratar sobre educação diz respeito à transmissão e aquisição de significados culturais, podem estar diretamente relacionados à dominação ou emancipação dos sujeitos, e isso é parte de uma herança cultural que tem como matéria-prima o processo de ensino aprendizagem.

Para Nogueira (2010), o caminho é pensar em uma educação que esteja assentada em paradigmas afrocêntricos e pretende contribuir para que a maioria da população brasileira se reconheça na produção histórica e cultural.

Nessa corrente de pensamento propomos experiências com os elementos da cultura corporal a luz da filosofia Ubuntu como ferramenta educativa, através de vivências corporais sistematizadas associadas às vivências coletivas com trato crítico, reflexivo e emancipatório dos processos de construção coletiva e individual de cada sujeito.

Betti (2009) considera a pesquisa-ação como a melhor alternativa para apropriação crítica da cultura corporal com a meta da ciência e produzir conhecimento no confronto com o mundo. Ele admite que a pesquisa-ação

apresenta a proposta de ruptura com as tradicionais, minimizando o autoritarismo do discurso científico, dando luz a outros saberes/ conhecimentos (BETTI, 2009, p. 321).

Essa proposta pluricultural surge como uma possibilidade de dar formas as novas comunicações, construídas para além dos elementos da filosofia e cultura africana, com conhecimentos corporais de outras culturas, permitindo nessa relação um dinâmico fazer pedagógico.

Na tentativa de elaborar uma sistematização no campo não formal de educação, de forma científica sistematizada, surge o propósito relacionar metodologicamente os elementos da cultura corporal com aspectos educacionais relacionados aos princípios de coletividade da filosofia Ubuntu.

A partir dessa proposta envolvendo vivências dos elementos da cultura corporal à luz de uma perspectiva de coletividade do “nós por nós”, realizamos uma travessia a fim de alcançar a compreensão das filosofias africanas para além de conceitos e expressões, tendo em vista suas potencialidades de materializar condições objetivas como um modo de vida.

Por isso esse desafio de relacionar filosofia africana e cultura corporal trata de não impor limites do que é estanque na ciência, pois como afirma Betti (2009, pg. 324), isso seria empobrecer a prática pedagógica, que é sempre mais rica e complexa do que a mais imaginativa teoria científica.

Os conceitos e conhecimentos aplicados pedagogicamente nas vivências corporais levam em consideração a relevância das características e sabedoria africana, uma construção de princípios e valores através do autoconhecimento percepção e legitimação dos próprios sentimentos, emoções e comportamentos, visando a promoção do bem estar coletivo.

Levando em consideração os processos educativos submetidos ao processo de transformação histórico-social, os pilares da educação têm ligação direta com a cultura corporal, convergindo na compreensão de fatos sociais, comportamentos, troca de experiências, e formas de aprendizado. Além de uma estreita relação no que diz respeito à verificação de outras culturas, valorização e acúmulo de conhecimentos.

Tratamos alguns aspectos da culturalização dos esportes no mundo moderno e contemporâneo de forma crítica, como possibilidade de adquirir

novos princípios, valores e costumes afrocentrados, a fim de promover um encontro e (re)conexão com nossa identidade ancestral.

Partindo destas questões, o presente projeto tratou de problematizar a necessidade da descolonização e reinvenção dos saberes, apontando a filosofia africana Ubuntu enquanto referencial fértil e potente para sustentar teoricamente a sistematização das vivências dos elementos da cultura corporal.

Dessa forma, os elementos da cultura corporal trabalhados em sua expansão educacional promovem no aprender a conhecer, a fazer, a ser e a viver, alcançando as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.

2.3. A FILOSOFIA UBUNTU COMO POTÊNCIA PEDAGÓGICA

“Vou aprender a ler, pra ensinar meus camaradas.”

Roberto Mendes

Referenciar a essa produção na perspectiva crítico reflexiva foi um trabalho minucioso, foi possível perceber que quantitativamente existem poucos trabalhos acadêmicos que remetem à filosofia Ubuntu. Menos ainda, quando se trata da relação entre Ubuntu e educação não formal, a qual constitui essa proposta.

Neste capítulo discutiremos filosofia africana Ubuntu como um referencial afrocêntrico, com potencialidade na educação das relações étnico-raciais na educação brasileira.

Aqui apresentamos conceitos e perspectivas, promovendo reflexões teóricas a luz de autores que são referências filosóficas com base em África, com devidas apresentações dos valores e princípios essenciais dessa filosofia, além de análises do processo de formação humana, com conexões entre os eixos do debate, sinalizando caminhos de efetiva contribuição para os processos formativos.

Com base na sabedoria e cultura africana e diaspórica, propomos formas de ser e estar no mundo a partir da filosofia do Ubuntu, através do ensino de seus princípios e valores, colaborando com a educação para relações étnico-raciais, a fim de superar preconceitos, discriminações, racismo

e desigualdades impostas por uma sociedade que tem espaços institucionais ou não que reproduzem e até legitimam essas questões.

Pensar em promover ou contribuir com uma sociedade equânime, harmônica e justa, é necessário mais do que elencar conceitos ou regras de convivência, é preciso experimentar diariamente princípios e valores éticos como filosofia de vida.

Em uma sociedade atravessada por desigualdades sócio raciais extremas, acredito ser um exercício e desafio, revisitar sua história originária ancestral a fim de elaborar soluções possíveis para reverter impactos seculares de crueldades de fundo raciológico, decorrentes do processo escravista. Passado que ainda assombra e exclui, deixando a margem da história o legado científico intelectual, espiritual e corporal do povo negro.

Na concepção de Almeida (2019), o racismo estrutural privilegia conhecimento eurocêntrico, a ideia então é usar o pensamento filosófico a partir de África e dos saberes afro-diaspóricos no Brasil a fim de descolonizar os saberes.

Historicamente convivemos com o domínio ocidental das referências educacionais, filosóficas, sociais, políticas e econômicas. O pensamento ocidental estabeleceu uma universalidade que dá sentido ao que produz para si e para o mundo. É essa lógica colonial que, hierarquicamente controla até mesmo as relações epistemológicas e geopolíticas, fortalecendo a cultura eurocêntrica excludente.

Referência no Brasil sobre estudos africanos e diaspóricos, com uma bagagem acadêmica robusta, o professor, pesquisador e filósofo Renato Nogueira, defende uma mudança de paradigmas, no sentido de descolonizar o pensamento e desconstruir, por exemplo, a ideia de que a filosofia seja uma aventura exclusiva do mundo ocidental.

Corroborando com o argumento de mudança social o pensamento de Fanon (2008) aponta um caminho de reestruturação do mundo a partir de mudanças das estruturas, ele defende como uma possibilidade de facilitar estratégias para a construção conjunta da autonomia e da emancipação dos sujeitos diante da supremacia branca.

O processo colonizador eurocêntrico hierarquiza e hegemoniza o pensamento epistemológico, marginalizando promovendo a invisibilização das intelectualidades africanas.

“...a dúvida sobre a existência da Filosofia Africana é, fundamentalmente, um questionamento acerca do estatuto ontológico de seres humanos dos africanos.” (RAMOSE, 2011, p. 8).

Essa sistematização organiza condições conflitantes e conserva na contemporaneidade a injustiça social e a regulação epistêmica em esfera global, que para Santos (2009), situa a Europa como um local epistemológico privilegiado.

A compreensão de desenvolvimento que conhecemos induz ao pensamento civilizatório, o professor e filósofo Bas'illele Malomalo em entrevista para site filosófico pontua que o conceito de desenvolvimento é oriundo da cultura ocidental, absorvemos a concepção de que "eles são civilizados e os outros primitivos". A cultura Ocidental orienta o caminho o “desenvolvimento” e não da liberdade.

Isso acontece em vários países porque, como nos casos iguais ao Brasil, até certo ponto suas bases ideológicas e filosóficas não romperam suas alianças com os projetos da classe dominante que criticam, que sem dúvida seguem o norte ocidental. (MALOMALO, 2014b).

As argumentações propostas por Ramose detalham como a filosofia pode ser aplicada no processo ensino aprendizagem, de forma pluriversal e que gere problematização de esquemas excludentes do pensamento filosófico.

Para Santos (2009), “epistemologias do Sul” assim denominadas por ele, Boaventura Souza, o tem a visão criar a sistematizar referências a partir de seus interesses com fontes teóricas não dependentes dos colonizadores, propondo a reinvenção dos saberes.

Noguera (2011) salienta quanto é urgente de reconsiderar a história da filosofia a partir da afroperspectiva, considerando culturas e narrativas marginalizadas. Lendo o mundo com uma ótica pluriversal, com aceitação do erro em privilegiar apenas uma visão, no caso a ocidental.

Para Asante (2009), falar de afrocentricidade é também falar de localização, pois é um processo de subjetividade a partir de sua percepção, de onde se está situado no tempo e espaço histórico.

...a 'localização', no sentido afrocentrico, refere-se ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa em dado momento da história (...) Quando o afrocentrista afirma ser necessário descobrir a localização de alguém, refere-se a saber se a pessoa está num lugar central ou marginal com respeito à sua cultura (...) (2009, p. 96-97).

Nascimento (2014) ressalta a relevância do estudo da história das filosofias africanas, com uma possibilidade de compreender conhecimentos através das principais reflexões e contribuições produzidas pela afrodiáspora desdobramentos.

Para Boaventura é preciso construir metodologias e pedagogias que tencionem as ausências das produções afrodispóricas e ajude a valorizar os saberes que resistem à dominação epistemológica imposta pelo colonialismo.

Nessa linha de pensamento se fortalece a afroperspectivista filosófica que reúne diversas perspectivas e olhares: “uma reunião de várias produções filosóficas africanas, afrodiaspóricas e comprometidas com o combate ao racismo epistêmico” (NOGUERA, 2011).

Nessa proposta reivindica-se a pluriversalidade filosófica, convocando para a ciranda os diferentes saberes africanos com objetivo de denegrir educação, para Noguera tornar negra a filosofia, é, experimentar revitalizar a existência humana.

Para Noguera (2012b), “denegrir a educação”, significa pluriversalizar as abordagens, revitalizando e regenerando a educação, ultrapassando uma monorracionalidade em prol da interculturalidade, da heterogeneidade como elemento positivo.

Nesse trabalho apresentamos e discutimos a filosofia africana do Ubuntu como referencial afrocêntrico, e versamos sobre sua potencialidade educativa das relações étnico-raciais na sociedade brasileira a partir da diáspora, carregada de elementos culturalmente africanos. Trata-se de uma categoria ontológica e epistemológica do pensamento africano que reverbera em

aspectos éticos e de linguagem. Sem dúvidas a tradição oral é a forma de transmissão multiplicação dessa filosofia como aponta Ramose (2011) com destaque para o período inicial da democracia da África do Sul, no século XX, época do apartheid.

A filosofia Ubuntu segundo Noguera (2011), apresenta-se com uma subjetiva maneira pensar e viver, direcionado possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, apontando para uma comunitária, antirracista e policêntrica”.

Essa filosofia se estabelece como uma atividade do pensamento que visa a compreensão do mundo a partir de fatos registrados na racionalidade humana de forma a procurar entender os fenômenos e acontecimentos de uma forma global conhecida como holística e integradora. Segundo Ramose a filosofia africana tem caráter holístico, potencial de compreensão do todo e não apenas do ser fragmentado. (2010, p. 171)

A afrocentricidade que tem a ver com a reorientação histórica dos povos africanos a afrodiaspóricos, não situa-se mais com base do pensamento a partir da cultura europeia, e sim com os valores africanos como centro de sua própria história e, inclusive de filosofias africanas, dais quais destacamos a filosofia Ubuntu que, segundo Ramose (2002), “exprime a filosofia praticada pelos povos da África falantes do Bantu”, sem ter “ter a fixidez e inflexibilidade que acreditamos que elas tenham.

Especificamente a palavra Ubuntu é formada por dois prefixos com significados diferentes, *ubu* e *ntu*. Respectivamente *Ubu* é a existência de maneira mais ampla e *ntu* refere-se ao aspecto mais concreto da existência, de forma individualizada, com conexões dinâmicas entre si, como um movimento contínuo, daí a compreensão um só existe em complementariedade ao outro.

...Ubu - evoca a ideia geral de ser-sendo. É o ser-sendo encoberto antes de se manifestar na forma concreta ou modo da existência de uma entidade particular. Ubu- como ser-sendo encoberto está sempre orientado em direção ao descobrimento, isto é, manifestação concreta, contínua e incessante por meio de formas particulares e modos de ser (RAMOSE, 2002, p. 2).

A filosofia Ubuntu sinaliza que a existência humana se dá de forma interconectada, sendo assim, a condição de sobrevivência humana é uma

existência coletiva. Pensar em combater o racismo passa por converter o “eu” em “nós”, como repedidas vezes afirmado por professor Abdias do Nascimento.

Partindo desses princípios e de uma reflexão aprofundada sobre as potencialidades das filosofias africanas, ideologicamente decoloniais, com posicionamentos políticos antirracistas, identificamos possibilidade de construir uma metodologia efetivamente contra hegemônica.

A ideia aqui é associar o potencial existente nas filosofias africanas enquanto promotora do campo epistemológico e militar a favor da legitimidade da intelectualidade preta do continente africano e dos filhos e filhas do processo de diáspora, que tem sua humanidade subalternizada.

A estratégia é usar os ensinamentos com a permanência de valores que se conectam a cosmovisão africana. Para isso faz-se necessário aproveitar o processo de diáspora e perceber que os Navios Negreiros continuam realizando travessias e portando não só corpos, mas intelectualidades pretas e saberes ancestrais.

O Boaventura em Epistemologias do Sul reflete sobre intelectualidade preta, colocando os negros no centro do processo de construção do conhecimento.

Os intelectuais negros – principalmente aqueles que elegem a questão racial como seu foco de investigação – irrompem contra essa alteridade forjada em contextos de poder. A diferença étnico-racial que deveria ser suprimida no projeto moderno ou que é produzida em outros moldes no atual processo de globalização do capital adquire outro tipo de visibilidade. O ‘outro da razão’ passa a ocupar os lugares da racionalidade científica desafiando-a por meio de uma outra racionalidade que não se dissocia da corporeidade, da musicalidade, das narrativas, da vivência da periferia, das culturas negras, das formas comunitárias de aprender. (Santos, 2009, p.429.).

O que propomos produzir são alternativas fora do pensamento dito “ocidental”, com a escolha de uma das filosofias africanas fundamentada na vivência harmônica coletiva como luz para as vivências dos elementos da cultura corporal.

Nosso ponto de partida é que Ubuntu pode ser visto como a base da filosofia africana. Para além de uma análise linguística de ubuntu, um argumento filosófico persuasivo poderá criar toda uma “atmosfera familiar” que é um tipo de afinidade filosófica e um parentesco entre o povo nativo da África. (RAMOSE, 1999, p.49).

A filosofia Ubuntu aqui escolhida como luz para o projeto inspirou Nelson Mandela dono do prêmio nobel da paz de 1993, apontando para uma conciliação no país durante o Apartheid, na África do Sul, além dele, Desmond Tutu, bispo anglicano que também foi contemplado com o prêmio 1984, divulgou os princípios da filosofia como fatores importantes na luta antirracista. Ambos foram protagonistas contra o sistema de segregação racial na África do Sul.

Entendendo que a formação cognitiva acontece aspectos ligados as experiências práticas de construção históricas dos sujeitos, a proposta aqui não é só compreender a filosofia Ubuntu, mas, a partir da corporeidade absorver os signos e linguagens comunitárias africanas, alcançando a construção de um mecanismo de compreensão e enfrentamento das situações de não reconhecimento e invisibilidade social.

A filosofia Ubuntu caracteriza-se consideravelmente como uma potente filosofia africana, oriunda de um continente grande, diverso que tem caráter plural em meios a assuntos sociais, culturais, políticos e econômicos.

É necessário falar de “Filosofias Africanas” ao invés de “Filosofia Africana”, pois, como tal sabemos o tão amplo continente não é o território de apenas um único povo em específico, e sim um espaço que abriga diversas culturas, em suas mais variadas complexidades, que de tal modo cada cultura tem a sua própria e particular percepção sobre o mundo. (SARAIVA, 2018).

Segundo Nascimento (2018), a apropriação e popularização deturpada que o ocidente fez e faz em relação as filosofias africanas em especial a filosofia Ubuntu, é cruel e tem servido de estratégia racista estrutural, reduzindo mais uma vez às formas de pensamentos do continente africano em algo piegas, em contos folclóricos, enquadrando-os em um estágio “pré-racional”.

De certo que a filosofia Ubuntu tem aparecido com frequência em pesquisas e estudos mais amplos e com intuito de viabilizar compreensões, especialmente na tangência relacionada a formação integral humana, porém constitui-se ainda em várias produções como um conceito disseminado equivocadamente que viabiliza o egocentrismo.

Compreendemos que as concepções ocidentais referentes à filosofia Ubuntu acabam por torná-lo exótico e corrompem sua compreensão, pois estabelecem como uma filosofia harmônica de autoajuda que sustenta as atuações corporativistas, que empregam os princípios da filosofia como estratégia de fortalecimento do sistema de produtividade com base no discurso de coletividade.

Essas concepções superficiais utilizadas como norteadoras de ações individualizadas de solidariedade e conseqüentemente vinculam à filosofia Ubuntu a lógica global de mercado, instigando a apropriação dos princípios a partir de um viés ainda egocêntrico, esvaziando seu verdadeiro sentido.

Uma grande crítica feita por Nascimento (2020), é sobre a apropriação do pensamento Ubuntuístico por autores principalmente não africanos, colocando em contextos diretamente relacionados ao capitalismo, sugerindo por exemplo corporativismo nas empresas, propondo aos trabalhadores comportamentos profissionais de “solidariedade irrestrita”.

Tais compreensões sobre Ubuntu nem de longe satisfazem a origem da palavra, muito menos o sentido filosófico, visto que não tem a ver com apenas com ser cordial, ou simplesmente gentil como está posto atualmente em algumas literaturas.

Discordando totalmente desse pensamento Nascimento (2016 p.243), afirma que Ubuntu é uma das filosofias africanas “que se mostram como um clamor do reconhecimento de humanidade e que se afirmam em uma dimensão radicalmente política”.

O filósofo Mogobe Ramose, diz que a filosofia na África luta pela razão e pelo preceito conhecido como “win-win”, que significa que todos ganham.

A filosofia de vida e pensamento Ubuntu são estratégias e meios de manutenção da vida coletiva, na medida em que os seres humanos interagem em comunidade interconectada com o mundo.

O texto de Malomalo (2014) mostra que a essência de Ubuntu, antes de qualquer coisa, constitui-se como uma sabedoria ancestral, como uma filosofia da sagacidade ancestral, construída há milhões de anos na África com o primeiro aparecimento dos seres humanos.

A filosofia Ubuntu é oriunda do pensamento Banto que acentua o conceito da essência da humanidade com os outros, originários das filosofias

africanas. O professor Malomalo (2010) explica que etimologicamente, Ubuntu surge de duas línguas do chamado povo banto, Zulu e Xhona, que habitam o território da África sul-equatorial, que do ponto de vista filosófico e antropológico retrata uma cosmovisão com base em África.

A explicação etimológica dada por Ramose (1999, p. 2):

Consiste no prefixo ubu e na raiz, ntu. Ubu evoca a ideia de existência, em geral. Abrindo-se à existência antes de manifestar a si mesmo na forma concreta ou no modo de existência de uma entidade particular. Ubu aberto à existência é sempre orientado para um desdobramento, que é uma manifestação concreta, incessantemente contínua, através de formas particulares e de modos de ser. [...] Ubu é geralmente entendido como a existência e pode ser dito como uma ontologia distinta. Enquanto ntu é um ponto no qual a existência assume uma forma concreta ou um modo de ser no processo contínuo de desdobramento, que pode ser epistemologicamente distinto. Enquanto ntu é um ponto no qual a existência assume uma forma concreta ou um modo de ser no processo contínuo de desdobramento que pode ser epistemologicamente distinto.

Essa palavra Ubuntu, das línguas bantu (Zulu e Xhosa), apresenta uma compreensão de relação do indivíduo com a comunidade, na perspectiva da coletividade, aparecendo como um conceito moral, um modo de vida, com uma perspectiva oposta ao individualismo que é presente e marcante nas sociedades neoliberais ocidentais.

A palavra Ubuntu é proveniente das línguas bantas da África austral (Xona e Zulu). Porém, a filosofia que a sustentam está presente em todo continente. Pois, foi na África que se iniciaram as primeiras experiências coletivas de vidas entre os bantu (seres humanos; muntu, ser humano, é o seu singular) (MALOMALO, 2014).

O sentido de coletividade é expresso na cosmovisão africana, Malomalo (2014), aponta que na toda existência é sagrada, e o divino se apresenta em tudo que está manifestado. Através desse sagrado ele consegue produzir uma tradução do conceito de Ubuntu na frase: "Sou porque nós somos".

Para Ramose (1999), o elemento central da filosofia e da cosmovisão africana encontra-se em Ubuntu, por conceber o mundo baseado nas relações entre a espiritualidade divina, a natureza e a comunidade.

A ideia de uma pedagogia com base filosófica Ubuntu, transmite o sentimento de coletividade e relação comunitária através da estratégia o diálogo em contra ponto com cultura do individualismo.

O pesquisador Alexandre do Nascimento (2014), define Ubuntu como uma “Filosofia do nós”, baseando-se na concepção de si mesmo como membro integrante de um todo social, desenvolvida pelo filósofo africano Tshiamalenga Ntumba. O mesmo Nascimento, compreende Ubuntu como uma moral coletiva, que tem o sentido de conexão das pessoas com a vida, com a divindade, com a natureza e com o próximo de enquanto comunidade.

Bas’Ilele Malomalo (2014), nos explica que:

Do ponto de vista filosófico e antropológico, o ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino a comunidade e a natureza sejam seres animados e ou inanimados.

Vivenciar Ubuntu é entender a filosofia como potencializadora das relações coletivas harmônicas, para isso é necessário compreender a necessidade do cuidado mútuo nas relações humanas e perceber que para que o os seres existam e coexistam nas comunidades, há sempre uma anterioridade lógica, histórica que compõem esses seres.

Os princípios fundamentais desse modo de vida têm como base a preocupação com o próximo, a solidariedade, a divisão e a vivência harmônica consciente em comunidade. Aquilombar-se, dar as mãos para manter a força entre seus pares, estabelecendo alternativas para resolução de conflitos.

Esse debate de Adbias sobre aquilombamento já antecipa conceitos como o multiculturalismo, que aponta para o igualitarismo democrático. Essa fala de Nascimento (2016) é compreendida no tocante a gênero, raça, etnia, sexualidades, religião, educação classe, cultura, economia, e outras as marcadores sociais, defendendo tratamento de respeito entre todas e todos.

Para Abdias o quilombismo essencialmente é um defensor da existência humana, logo o desafio é construir jangadas para travessia que posam caber levar questões importantes como epistemológicas, morais, políticas, estéticas, lógicas e ontológicas, interligadas, a fim de estabelecer na chegada um modo de vida diverso, harmônico e respeitoso.

Sendo assim, a ideia de pensar a filosofia Ubuntu como estratégia educativa comunitária, tem apresentado os jovens negros do bairro Zilda Arns uma concepção de mundo centrada na cultura da coletividade, do respeito, da interconexão e da cooperatividade.

Como aponta o filósofo Alexandre do Nascimento (2014):

A pessoa ou instituição que pratica Ubuntu reconhece que existe por que outras pessoas existem. Reconhece, portanto, que existem formas singulares de expressão de humanidade, e que as singularidades, como tais, têm igual valor. (pág. 2)

A proposta do presente projeto foi proporcionar aos adolescentes carentes da comunidade de Santo Antônio de Jesus-Ba, a oportunidade de participarem de outro tempo/espaço educativos para além da escola; que se utilizará filosofia e cultura corporal como ferramentas pedagógicas, inclusive a dimensão educativa do esporte, não visando à formação técnica, mas sim de cidadãos críticos, que serão a base para o desenvolvimento e prosperidade da sociedade.

Os jovens participantes do projeto, encontram-se carentes de conhecimentos e com baixa autoestima por conta da realidade que os cercam e encontram no esporte um incentivo para algumas conquistas. Com as vivências coletivas experimentadas surgem sentimentos de cooperação e amizade, contribuindo com o desenvolvimento humano e social.

Visibilizar e potencializar a cultura, os saberes e o legado do africano é uma estratégia de combate às estruturas racistas, através do resgate ancestral como possibilidade promover identificação de novas e futuras gerações, com intuito de reverberar em seus posicionamentos e promover deslocamento acerca do olhar sobre o negro.

Diante dos argumentos apresentados, considero a filosofia Ubuntu como potência pedagógica.

“ubuntu como modo de existir é uma re-existência, uma forma afroperspectivista de configurar a vida humana coletivamente, trocando experiências, solidificando laços de apoio mútuo e aprendendo sempre com os outros” (NOGUERA, 2012a, p. 149).

2.4. CAMINHOS POSSÍVES PARA (RE)AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

"Educação é um ato de amor, por isso de coragem"

Paulo Freire

De Zumbi dos Palmares à Mariele Franco, quais as aproximações de vida entre essas figuras e outras não tão públicas que vivem nos guetos, bairros, comunidades e quebradas do nosso país? Elas, cada uma a sua maneira, lutam diariamente para combater e sobreviver o racismo.

Ter pessoas como referência é extremamente importante, pois elas tornam-se inspirações realmente possíveis, nessa perspectiva temos figuras importantes que servem como exemplos para nossas lutas antirracistas desde nossa ancestralidade até a contemporaneidade, porém o perverso processo raciológico promove a invisibilidade dos corpos pretos.

Para Bas'lele MaloMalo, filósofo que escolheu as questões negras para defender em sua caminhada, ele afirma que a população negra brasileira é não considerada “desenvolvida” por que sofre historicamente com o processo e consequências da escravidão.

Se refletirmos a partir da necessária afroperspectiva, somos convidados a pensar na descendência africana e o processo de sequestro e tráfico humano da diáspora. A afrodescendência nos apresenta o conhecimento das nossas origens e potencializa uma valorização necessária, que reconhece e afirma nossas raízes e apontam para ações afirmativas e civilizatórias de identidade da população negra, Para Trindade (2013):

A África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural. (TRINDADE, 2013, p. 132).

Os navios negreiros vieram com para o Brasil não apenas com os corpos pretos do povo africano, mas também com conjunto de aspectos da cultura africana trazidos pelos negros escravizados, aqui esses valores vão se reconstruindo e criando a cultura afrodescendente, que imprimem os valores civilizatórios afro-brasileiros.

Refletindo ainda sobre os navios negreiros, eles já eram configurações de comunidades práticas de aprendizagem, pois viabilizavam mesmo que de forma não planejada o compartilhamento de conhecimento e experiências, através da interação das pessoas escravizadas. As comunidades de trocas de conhecimento planejadas são tempos/espacos de interação, integração e compartilhamento de experiência nas ações de educação.

Essa noção de comunidade acontece quando o espaço/tempo do diálogo e vivências contribui para o sujeito criar e desenvolver-se a partir das suas vivências. Nesse tom, Hooks (2013) aponta esse espaço de comunidade como “um lugar onde as diferenças fossem reconhecidas, onde todos finalmente compreenderam, aceitaram e afirmaram que nossas maneiras de conhecer são forjadas pela história e pelas relações de poder”.

O projeto Ubuntu Afroatividade aqui proposto serve como alternativa de espaço/tempo para vivenciar ações pedagógicas que propõem desconstruir estereótipos preconceituosos acerca do continente africano e apresentar aos participantes uma concepção de mundo afrocentrada, realizando um contraponto com a lógica de construção dos saberes eurocêtricos hegemonicamente predominantes na sociedade.

É essencial que as ações afirmativas e práticas educacionais considerem as pessoas pretas como protagonistas ativas de suas próprias vidas e do processo ensino-aprendizagem, recebendo, produzindo e compartilhando conhecimento de forma horizontal.

Viabilizar os saberes dos povos africanos surge como uma eficiente estratégia de combate ao racismo e como uma possibilidade educativa para

futuras gerações, que terão a possibilidade de apropriação desse conhecimento, que sem dúvida ultrapassa os muros das escolas, alcançando a comunidade, promovendo deslocamentos acerca dos olhares sobre a população negra.

Para Fanon (2008), é preciso conscientizar o inconsciente, a fim de não mais tentar um processo de embranquecimento alucinatório, mas sim a agir no sentido de promover uma mudança das estruturas sociais racistas.

Desse modo, a proposta Ubuntu Afroatividade se estabelece como um projeto de intervenção que promove visibilidade para população negra como produtora de afroconhecimento e agente da própria história, capaz de posicionar socialmente e promover necessárias alterações no contexto social em que vivem.

Diante do supracitado, destaco que intenção é trabalhar com a filosofia Ubuntu a partir dos princípios, valores ético/morais, fundamentos epistemológicos e ontológicos que se desdobram como coletividade no seio das relações de humanas. E para pautar um projeto com interesse em abordar profundamente sobre essa filosofia, deve-se acreditar nas filosofias africanas enquanto referências férteis e potentes, capazes de modificar contextos sociais e (re)afirmarem a identidade da população negra.

A partir das produções de Bas'Illele MaloMalo, Mogobe Ramose, Renato Nogueira e Azoilda Trindade, elencamos para serem debatidos e trabalhados alguns aspectos afro-brasileiros que chamamos de “valores e caminhos pedagógicos afrodiáspóricos” que consideramos caros e necessários para educação da população negra.

Esses pesquisadores defendem que as experiências pessoais ancestrais e os valores civilizatórios são capazes de se retroalimentar em comunidades, ações comunitárias e solidárias das favelas e nos espaços espiritualizados.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros elencados nesse trabalho são carregados de sentidos comunitários que constituem formas de agir e pensar coletivas diretamente ligadas ao sentimento de resistência, por conta dos atravessamentos históricos ancestrais.

A intenção é ressignificar esses sentidos que atravessam este campo de estudo histórico cristalizado no passado e possam reverberar em possíveis e objetivas práticas que constituam maneiras de pensar, fazer, ser e

compreender o mundo de forma crítico reflexiva, usando a ancestralidades e as africanidades como conhecimentos potente de transformação e emancipação humana.

Definidos por Trindade (2006):

...a circularidade, um elemento capaz de criar uma atmosfera de conexão entre as possibilidades; a oralidade que nos presenteia com vozes que dão a ler e escutar outros sentidos educativos; a corporeidade nos lembra de que nosso corpo é um patrimônio importante e de cultivo da vida; a musicalidade nos remete aos sons que fazem referências à potência criativa dos povos; o comunitarismo na busca pelo resgate da coletividade na qual o compromisso pela educação das crianças é de toda a aldeia; a ludicidade fortalece nosso corpo brincante a celebrar nossas vidas; a memória como fonte de saber e convite à preservação de narrativas e conhecimentos que se atualizam no presente; a religiosidade como inspiração e ponte com uma energia que nos conecta; a ancestralidade enquanto continuidade que se faz presente nas crianças, nos adultos e nos mais velhos, preservando a energia vital, o axé, o anseio de viver.

No universo da cultura popular, que é extremamente rico e diversificado, a oralidade e a ritualidade possuem saberes relevantes e significativos e para além disso, a ancestralidade possui aspectos importantíssimos relacionados às histórias e processos identitários da sociedade.

Como premissa para o desenvolvimento do trabalho em ambientes e perspectivas diversas e para melhor compreensão dos conceitos aqui articulados, definiremos educação formal, informal e não-formal, ratificado no entendimento. Afonso (2001), que afirma que:

Educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (p.09).

Para Frigotto (1989), a educação não-formal revigora uma compreensão política de “prática social como princípio educativo” contribuindo de maneira efetiva para a materialização da denominada “sociedade pedagógica” a partir da articulação entre formação, cultura, trabalho e pedagogia.

A possibilidade da articulação das experiências corporais e filosofia Ubuntu vivenciada nos espaços não-formais de educação possibilita o rompimento de discursos tradições como: a de que educação só acontece na escola; as atividades desenvolvidas “fora da escola” não educam o sujeito e servem apenas como aspecto lúdico, para ocupar o tempo livre, descontrair, relaxar e curtir.

Frigotto (1989), afirma que podemos assegurar que as dinâmicas e experiências construídas em espaços não-formais de educação rompem com a tradição educacional que confunde educação com escola e sugere uma compreensão política da “prática social como princípio educativo”.

Entende-se que as experiências com as culturas populares desenvolvidas em espaços não-formais de educação, materializam a denominada “sociedade pedagógica” prevista por Marx (1989), e que hoje se aproxima da chamada sociedade cognitiva (ou sociedade da aprendizagem) que, ao imprimir certo valor à educação, como processo de formação ao longo da vida, pretende, em última instância, trazer para os sujeitos uma responsabilidade por essa mesma formação.

Apesar de não explicitar no processo não formal uma clara finalidade educativa, os sujeitos imersos no processo não-formal, educam e se educam através da atividade não intencional, freqüentemente, paralela ou concomitante com a atividade proposta intencionalmente pelo professor, que é desenvolvida através de saberes, costumes, princípios e valores adquiridos e passados ao longo da história.

3. CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

3.1. TRAVESSIA DO PENSAMENTO, ORALIDADE À ESCRITA.

Para sistematizar um processo metodológico profícuo, os procedimentos selecionados estão baseados em métodos e metodologias científicas

pertinentes, escolhidos de acordo com a temática, problemática, limites e possibilidades objetivas de materialização da dissertação e do produto.

Essa travessia construiu uma interlocução social entre o método da pesquisa-ação e da etnografia, visando desenvolver uma referência metodológica para um projeto qualitativo, multidisciplinar, que possibilita a troca de conhecimentos entre pesquisadores e pesquisados.

Amparado em Thiollent (2008), é possível conceber dispositivos de uma pesquisa social como essa, com certo empirismo, que em vez de separação, acontece um tipo de co-participação entre pesquisador e sujeitos, sem ser necessário, abandonar o que o ele chama de “espírito científico” (THIOLLENT, 2008, p. 25).

Consideramos a utilização da observação participante como uma técnica de se realizar a etnografia, justificada mais à frente como método de pesquisa, pois tem uma maneira de interação e apreensão dos signos e significados de uma determinada realidade sociocultural, por isso torna-se também passível de ser utilizada na pesquisa-ação.

A perspectiva da escolha metodológica da pesquisa-ação parte primeiramente da intrínseca característica crítica de teoria e de produção do conhecimento no campo epistemológico dialogando, portanto com perspectivas de referências importantes desse trabalho como, por exemplo, Karl Marx e Paulo Freire.

O outro ponto marcante ressaltado por Thiollent (2008) é que na América Latina a pesquisa-ação está estreitamente ligada uma proposta emancipatória de educação e extensão Popular, mas ao mesmo tempo não solidifica-se como por exemplo uma ação restrita de “ativismo”.

Para Thiollent (2008) a pesquisa-ação é multidisciplinar, pois possibilita investigações olhares de diversas áreas do conhecimento. Esse raciocínio fomenta inclusive uma condução multidisciplinar do projeto com conhecimentos da educação física, filosofia, sociologia, antropologia entre outras áreas do conhecimento.

Como indica a própria nomenclatura, a principal característica da pesquisa-ação é ter em si mesma, definições de ações e intervenções a serem executadas no próprio processo investigativo com a comunidade ou grupo pesquisado.

A pesquisa-ação foi escolhida por entendê-la como uma ferramenta metodológica com potencial de utilização em pesquisas de cunho qualitativo e educativo como afirma Thiollent (2008) afirmando que desse tipo de pesquisa, das condições reais de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico.

Para Thiollent (2008), ela é propriamente uma intervenção, pois o pesquisador além de estar por dentro da pesquisa, não elimina sua percepção e análise subjetiva, como também, não tem a preocupação de manter-se neutro. Nesse caso o pesquisador pretende transformar a realidade e não apenas compreendê-la.

Esse tipo de pesquisa visa intervir e, ao mesmo tempo analisar os efeitos dessa intervenção em um determinado grupo de um contexto histórico específico, identificando um problema emanado de um determinado contexto social real, ela é concebida como procedimento de natureza exploratória, com objetivos a serem determinados pelos pesquisadores conjuntamente com os interessados.

Uma corroboração muito importante advinda de Thiollent (2008) é compreender pesquisa-ação como um método ou uma estratégia que agrega várias técnicas da pesquisa social, com as quais é estabelecida uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação da informação.

Ele afirma que uma pesquisa é qualificada como pesquisa-ação quando houver realmente uma ação de caráter “não-trivial”, com resultados da exploração úteis para elucidar situações e ou desencadear outras pesquisas. Segundo Thiollent (2008):

Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Dialogando com o desejo de perspectiva pluriversal desse trabalho e da importância do sujeito estar à frente de sua narrativa, a metodologia que acompanha essa caminhada tem uma abordagem etnográfica que realiza a descrição de um sistema de significados socioculturais de um determinado

grupo em um processo de aprendizagem de contexto amplo, com plano estratégico aberto e flexível, com possibilidades que podem ser reformuladas.

O princípio da etnografia é compreendido como forma de interação com público vivente e apreensão dos signos e significados da realidade sociocultural pesquisada. As técnicas para registro e discussão dos elementos identificados são validadas pelo método da pesquisa-ação.

Segundo Gil (2002), devemos estabelecer contato com a realidade pesquisada, nesse caso uma etnografia urbana para observar com bastante atenção os elementos existentes na realidade social antes de definir a metodologia, dessa forma é possível obter novos conhecimentos dentro de uma realidade social.

Essa escolha metodológica tem coerência, entre outras razões, pelo fato de que, de acordo com Benetti (2017), é também vista como uma forma reflexiva de etnografia, com ênfase na interação entre pesquisador e objeto de estudo, que envolve a descrição e análise de experiências pessoais com base no self do próprio autor como exemplar etnográfico.

O pesquisador estuda o setting natural e interpreta os fenômenos que ocorrem naquele contexto, levando em consideração a construção social da realidade com um processo, em permanente transformação (Minayo, 2002). O projeto proposto buscou colocar os participantes como atores sociais ativos e dinâmicos desse processo de compreensão.

Segundo Geertz, utilizar o método etnográfico não significa somente constituir simples relações, escolher pessoas como informantes, transcrever as falas em textos, apanhar genealogias, fazer mapeamento e construir um diário, “o que realmente define” é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Essa pesquisa tem características bem marcantes da etnografia pois foi conduzida *in locus* de convivência e socialização dos participantes, de forma multifatorial por conta do uso de mais de uma técnica de coleta de dados, direcionada por meio indutivo de acúmulo descritivo dos detalhes, revelando um retrato completo do grupo estudado de forma holística.

Uma das estratégias etnográficas de coleta de dados utilizadas será a técnica de observação dos participantes. Com registros da realidade, observando prioritariamente falas e ações dos participantes, compreendendo a

realidade em que eles vivem. Para Gil (2002), a observação é a aplicação dos sentidos humanos para obter determinada informação sobre aspectos da realidade.

E técnica etnográfica possibilita acompanhar e registrar as vivências comunitárias com olhar voltados aos valores e estratégias de sociabilidades, de inserção social, utilizando inclusive acompanhamentos pelas redes sociais.

Com base em pressupostos epistemológicos da filosofia Ubuntu foram elaboradas e construídas composições para um processo de aprendizagem e formação dos sujeitos a partir de organização coletiva, ações solidárias, laços de afetividade, estratégias antirracistas e formação comunitária.

Para contemplar as experiências ontológicas dos participantes do projeto e coleta de dados, construímos momentos de diálogos sobre questões raciais, compreendendo os reflexos históricos circunstanciais, que refletem modo de ser e estar desses sujeitos. Recorrendo a Geertz (1989), ele aponta que a etnografia não acontece em um vazio emocional, sem nenhuma subjetividade. As práticas humanas permitem distinguir sentidos e significações.

É nessa perspectiva que Geertz (1989), enfatiza que a vivência social, cultural tem um caráter de mudança e possibilidade auto-reflexiva, e por esses motivos os acontecimentos sociais podem ser lidos.

A abordagem aplicada nas atividades do projeto leva em consideração a relevância das características e conceitos populares da quebrada, uma (re)construção de princípios e valores através do autoconhecimento, da percepção e legitimação dos próprios sentimentos.

Não se pode cair no reducionismo de um universo meramente técnico de entendimento, sendo necessária à consolidação de outras dimensões desse processo como, por exemplo, as suas significações, implicações e conseqüências pedagógicas, políticas e sociais (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 105).

A abordagem utilizada nas vivências propostas tem como norte a metodologia crítico reflexiva, idealizada pelo coletivo de autores da educação física na década de 90, conhecida por crítico-superadora, que tem como base de referencial teórico o materialismo histórico-dialético.

Essa abordagem tem objetivo de apreensão dos participantes como parte constitutiva da sua realidade social complexa em que vivem, utilizando os esportes, jogos, ginásticas, danças, lutas e capoeira como temas que, historicamente, compõem a Cultura Corporal.

O Coletivo de Autores (1992), trata os elementos da Cultura Corporal, como “Práticas Sociais”, que produzidas pela ação (trabalho) humana com vistas a atender as necessidades sociais. Por isso, devem ser vivenciadas tanto naquilo que possuem um “fazer” corporal, quanto na necessidade de se refletir sobre o significado/sentido desse mesmo “fazer”.

Como afirma Freire (2001):

“Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita à natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode se dar alheio à formação moral do educando.”

Através de atividades específicas utilizamos de forma pedagógica os elementos da cultura corporal vivenciados na quebrada como ferramentas efetivas do processo de educação e não formal, apresentando e analisando referências acessíveis aos participantes que trouxeram contribuições significativas para diálogos sobre coletividade e afroestima.

O projeto visa construções conceituais e modificadoras da realidade, nesse sentido a ideia é construir uma metodologia capaz de utilizar de forma pedagógica e sistematizada com a presença dos elementos da cultura corporal vivenciados na quebrada associados aos princípios da Filosofia Ubuntu, que tem origem da sabedoria dos povos africanos, que acentua o conceito da essência da humanidade com o próximo, como ferramentas potencializadora dos processos de educação não formal.

3.2. CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

O viés qualitativo da pesquisa sugere não apenas à experimentação de hipóteses e possibilidades, mas principalmente ampliar o horizonte de

interpretações e problematizações sobre pressupostos, potencializando a relação dos objetos do estudo como ferramenta pedagógica.

Abordagem com enfoque qualitativo, marcado pela pesquisa-ação. Segundo Gil (2002), a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos norteiam a investigação para análise qualitativa.

Com relação ao tipo de pesquisa, ele é descritivo, com foco no método da pesquisa-ação, pois como afirma Gil (2002), é “a descrição das características de determinada população ou fenômeno, com estabelecimento de relações entre as variáveis”.

3.3. CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA-AÇÃO

O caminho percorrido na materialização desse trabalho é observado a partir do uso de uma lente crítica para análise social, com intuito de promover o chamado quilombismo proposto por Abdias do Nascimento, que o descreve como "um conceito científico emergente do processo histórico-cultural das massas afro-brasileiras".

O propósito do grupo escolhido como vivente do projeto, mesmo que em caráter temporário, é constituir-se como “um contexto comunitário para o aprendizado” (hooks, 2013, p. 212).

A partir do caráter comunitário a filosofia Ubuntu, define-se popularmente como a “Filosofia do Nós”, de uma ética coletiva cujo sentido é a conexão de pessoas com a vida, a natureza, o divino e as outras pessoas em formas comunitárias. A preocupação com o outro, a solidariedade, a partilha e a vida em comunidade são princípios fundamentais. Nascimento (2014, p.1).

Consideramos nesse projeto que a ideia de filosofia do nós é bastante cara no sentido de promover o conhecimento de maneira pluriversal, pois ela considera, em sua essência a convicção da existência do outro com todas as suas singularidades de forma cooperativa sem competição entre si.

O coletivo de jovens escolhido para participar do projeto foi norteado por um contato já existente em outro momento e contexto, quando ainda eram

crianças e adolescentes e participaram de atividades esportivas em uma instituição social situada no bairro que tinha com outra perspectiva metodológica, voltada para desenvolvimento físico esportivo.

Diante disso foram convidados a participar do projeto, jovens negros periféricos que tem como lugar de sobrevivência o Bairro Zilda Arns, na cidade de Santo Antônio de Jesus – BA.

A estrutura do bairro conta com aproximadamente 500 casas, 01 posto de saúde, 01 escola de ensino infantil (creche), 03 quadras de areia, 02 quiosques abertos, todos deteriorados e em ruins condições por falta de manutenção. Consta também no bairro, construções irregulares de puxadinhos, bares, oficinas e quitandas, barbearias, que funcionam sem o alvará da prefeitura e sem autorização do banco financiador.

O nome dado a este bairro foi uma homenagem póstuma, por ela ser uma das pessoas fundadoras da pastoral da criança e que desenvolveu várias ações de cunho social, Zilda teve sua passagem espiritual no ano de 2010, por conta de um terremoto no Haiti.

A motivação para estudar sobre a temática para desenvolver esse projeto no bairro se dá pela própria manifestação evidenciada pelo fenômeno no campo empírico. Constatação subjetiva que se materializa intrinsecamente no vir a ser da formação ontológica dos participantes, que são pessoas pretas periféricas que desenvolvem ou se reconhece nas atividades desenvolvidas no projeto.

As vozes, escritas e performances que materializam esse projeto são de pessoas pretas que tem através de suas identidades e histórias de vida, cada uma de maneira particular puderam compartilhar suas formas de ser e conceber o mundo.

Por isso é fundamental que enegrecer os processos educativos, trazendo para roda as referências negras, com debate e uma visão positiva, capaz de influenciar outras histórias e modos de fazer, subvertendo princípios eurocêntricos.

Como citado por Noguera (2012), a afroperpescivista deve ser vista como exercício filosófico com protagonismo de pertencimento, principalmente a partir do pensamento afrodiásporico.

Através do contato com as referências e contexto do onde vivem os sujeitos da pesquisa, buscamos perceber como as experiências de pessoas negras, envolvidas nas atividades propostas pelo projeto Ubuntu Afroatividade são impactadas em suas intelectualidades?

Enquanto procedimento metodológico de análise, usamos a fenomenologia, capaz de ajudar a identificar e compreender a supracitada questão, a partir da justificativa da essência do ser-sendo dos sujeitos.

Isso ocorre através do desenvolvimento dos aspectos cognitivos e caracterização de formação subjetiva no envolvimento com relações no âmbito social e histórico em que vivem.

3.4. ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS DE REGISTROS E ANÁLISES

A escrevivência, conceituada por Conceição Evaristo (2007), serviu para nós como um caminho para investigação e produção de conhecimento, por meio dos registros feitos pelos personagens do projeto, possibilitando que vozes caladas, na maioria das vezes desqualificadas até mesmo invalidadas pudessem ecoar, assentar como escrita em um trabalho acadêmico.

Essa sessão serve para apresentar o que foi utilizado na pesquisa como ferramentas importantes e fundantes desenvolver a pesquisa com objetividade, efetividade e eficácia.

Como premissa para iniciar aos procedimentos da pesquisa, realizei observações descritivas gerais, a fim de traçar um panorama da situação social do bairro Zilda Arns e realizar um planejamento com realidades concretas. Os registros etnográficos incluem notas das observações, fotografias, filmagens, documentos, entrevistas, tudo registrado na perspectiva de escrevivências.

Apresentei aos participantes um documento formal tratando sobre importância da minha pesquisa e versando sobre os riscos e benefícios da pesquisa, caracterizando como um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), Anexo (III).

Desse modo, o projeto só foi iniciado junto aos participantes após o consentimento do professor e alunos, para que assim fosse dado ênfase aos aspectos éticos, não afetando o caráter disciplinar dos participantes

Um recurso importante para o registro das vivências e reflexões dessa caminhada foram as redes sociais, que consistiu uma espécie ferramenta de registro de campo dos encontros realizadas no decorrer do desenvolvimento etnográfico da pesquisa-ação.

3.5. INSTRUMENTOS ETNOGRÁFICOS DE REGISTROS E ANÁLISES

Rede social - página Ubuntu_Afroatividade



Imagem: arquivo pessoal (2022)

Instagram

Ubuntu Afroatividade é um espaço/tempo de escrevivências afrocentradas, com experiências sistematizados dos elementos da cultura corporal à luz da filosofia africana Ubuntu.

Rede social – grupo Ubuntu Afroatividade



Imagem: arquivo pessoal (2022)

Grupo WhatsApp

O grupo Ubuntu Afroatividade é um espaço/tempo de partilha, cuidado, escuta, e escrituras afrocentradas, com conteúdo e experiências cotidianas dos participantes do projeto.

4. UBUNTU AFROATIVIDADE COMO MÉTODO PEDAGÓGICO

Essa proposta visa agenciar o método Ubuntu Afroatividade como uma produção científica no campo da cultura corporal por meio da educação física e da posição da filosofia africana frente à ciência enquanto crítica e construção do conhecimento.

A metodologia Ubuntu Afroatividade, sugere o desenvolvimento de ações educativas complementares fora do contexto escolar através de vivências de elementos da cultura corporal sob a luz da filosofia Ubuntu, constituindo-se como uma ferramenta que discute questões raciais, tendo como ponto de partida para do debate o afrocentrismo, que promove o entendimento dos fatos pela própria experiência africana.

Os princípios filosóficos propostos estimulam ações comunitárias como fontes de aprendizagem e referência, possibilitando de realizar outras formas de produção e difusão de saberes que muitas vezes são negadas e/ou expropriadas da academia.

Ao compreender a função da educação e do professor na sociedade e especialmente reconhecer que o resultado é a transformação coletiva, a proposta pedagógica Ubuntu Afroatividade visa amplificar, difundir e potencializar as possibilidades teórico-metodológicas, com estratégias que promovam experiências de aprendizagem baseadas em vivências dos elementos da cultura corporal à luz de filosofias africanas, nesse caso em especial a filosofia Ubuntu. Uma proposta fortalecedora da identidade negra, capaz de ser engajadora e principalmente eficaz no combatente ao racismo.

A pedagogia tem referências importantes como educadores e pesquisadores brasileiros que são destaques em educação das relações étnico raciais positivas e põe no centro do processo ensino-aprendizagem as questões relacionadas a ancestralidade e a identidade dos participantes. Filosofia e corporeidade são primazias referenciais da construção desse conhecimento, sendo cada sujeito protagonista da educação coletiva.

A proposta desse método é oferecer aos interessados um material conceitualmente substantivo com sugestões de recursos pedagógicos, com concepções de instrumentos formativos produzidos a partir de experiências materializadas a partir da construção de processos de lutas antirracistas que

fazem realmente sentido quando estimulam reflexão crítica, e despertam outros debates que, ao tempo em que orienta e atualiza, cumpre a função de empoderar.

A proposta Ubuntu Afroatividade acontece a partir do conjunto de atividades desenvolvidas em encontros sistematizados com intuito de reconhecer e absorver hábitos africanos. Tais ações buscam tratar de forma positiva os elementos da cultura afro-brasileira, a fim de desfazer os rótulos de cultura exótica e fortalecer os valores civilizatórios.

O método se apoia em alguns fundamentos, princípios e valores afrodiasporicos que direcionam todo o processo de materialização das ações civilizatórias o fortalecimento e afirmação da identidade negra dos participantes.

A missão foi construir um produto rico e interessante, capaz de nortear potentes práticas pedagógicas coletivas, embasadas na intelectualidade negra e existência humana harmônica coletiva.

O projeto proporciona momentos de interação, lazer e educação, além de trabalhar no viés da promoção da autonomia, respeito à diversidade, construção coletiva e inclusão social. Essa proposta se compromete com trato dos seguintes aspectos emocionais, intelectuais, criativos, sociais e físicos. Nesse sentido há um compromisso com desenvolvimento do integral do sujeito através do uso de estratégias as que promovem autonomia, emancipação, autoestima, competências e habilidades humanas.

O repertório construído com base no acúmulo e reflexões que emergem das vivências do processo de materialização desse projeto constitui o ponto de partida e referencial metodológico do produto final.

4.1. CONSTRUINDO E EXPERIMENTANDO A PEDAGOGIA UBUNTU AFROATIVIDADE

Materializar o projeto sagrou-se um grande momento de partilha de experiências, de muitas conquistas e principalmente de impacto social, percebidos através das análises dos resultados alcançados e do legado percebido enraizado nas escrituras.

Em outras palavras, podemos afirmar que a investigação da temática geradora compreende não apenas os dados observados acerca da realidade dos participantes, mas também a percepção que essas pessoas têm de sua própria realidade.

Alicerçadas nesse contexto coletivo e de partilha é que sugerimos as vivências afropedagógicas, com atividades antirracistas consubstanciadas numa didática negra, a fim de auxiliar e fortalecer o letramento racial os participantes.

Como procedimento metodológico de aplicação, realizamos um ciclo de 12 encontros presenciais, com duração de 02 horas por encontro. Foram vivências e diálogos propositivos e construtivos, geradores de conhecimentos, resgate de princípios ancestrais e fomentadores de valores filosóficos com base pedagógica na cultura afrodiaspórica, utilizando de recursos estratégicos metodológicos a etnografia e a tradição oral.

Participaram do projeto 30 jovens moradores e ex-moradores do bairro Zilda Arns, com faixa etária variando entre 18 e 25 anos de idade.

Durante o ciclo, as pessoas tiveram a possibilidade subjetiva de compreender e enraizar suas identidades por meio do processo de (re)significação de conhecimentos, a partir de reflexões dos valores e caminhos pedagógicos afrodiaspóricos trabalhados.

Os participantes (res)significaram lugares sociais diante das próprias histórias de vida, atravessadas pelas memórias e reminiscências dos seus ancestrais no Brasil e no mundo instrumentalizados por um repertório de práticas pedagógicas afrocentradas.

No projeto Ubuntu Afroatividade as relações são genuínas, pois desenvolvem-se sem hierarquias, sem laços subalternos. Isso não tem nada haver com ser piegas e ou não existir divergências, pois com elos construídos em canário de igualdade a sensação de superioridade não é capaz de existir.

Nessa afroperspectiva seremos sempre uma coletividade e nós por nós.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Segundo Geertz (1989), “a cultura é a mediação entre o poder e o objetivo de sua ação”.

No projeto Ubuntu Afroatividade as relações culturais são genuínas, pois desenvolvem-se sem hierarquias, sem laços subalternos. Isso não tem nada haver com ser piegas ou não existir divergências, pois com elos construídos em canário de igualdade a sensação de superioridade não é capaz de existir. O protagonismo coletivo é o principal motivo de sermos e a luta antirracista será o principal motivo para resistirmos.

Ancorado em Geertz (1989) usamos o recurso da chamada “descrição densa” que possui propriedades de uma análise interpretativa dos sentidos que os participantes da pesquisa atribuem às ressignificações das temáticas debatidas e conhecimentos construídos nos encontros do projeto.

Para Geertz, "estudos culturais não é um poder, não é algo ao qual acontecimentos sociais, comportamentos, instituições, ou processos podem ser causalmente atribuídos; é um contexto, algo dentro do qual esses podem ser inteligivelmente aliás, densamente descritos.

É essencial prosseguirmos nesta discussão, a fim de compreender a versatilidade conceitual dos elementos culturais desvinculando as análises e reflexões das definições prontas e acabadas.

Esse caminho teórico-metodológico produziu interpretação dos discursos sociais no aspecto micro com foco em um grupo social mais específico, nesse caso, são os jovens negros moradores do bairro Zilda Arns da cidade de Santo Antônio de Jesus-BA.

É importante destacar que mesmo com preocupação com a problemática da pesquisa com a potencial de contribuir com a modificação da realidade social estudada, o pesquisador não tem como principal meta conscientizar a comunidade da importância de sua pesquisa.

Pois o papel de colonizador que irá iluminar a mente das pessoas deve ser desconstruído, pois os membros da comunidade estão no escuro. O método pesquisa-ação é interativa e coloca o pesquisador no lugar de aprendiz, com resultados alcançados coletivamente que poderá servir ou não, dependendo da necessidade e desejo da comunidade.

5.1. REFLEXÕES DA FILOSOFIA UBUNTU NAS VIVÊNCIAS DO PROJETO

Gráfico 1 – Percepção dos participantes do projeto sobre o significado de Ubuntu.



Fonte: autoria própria (2022)

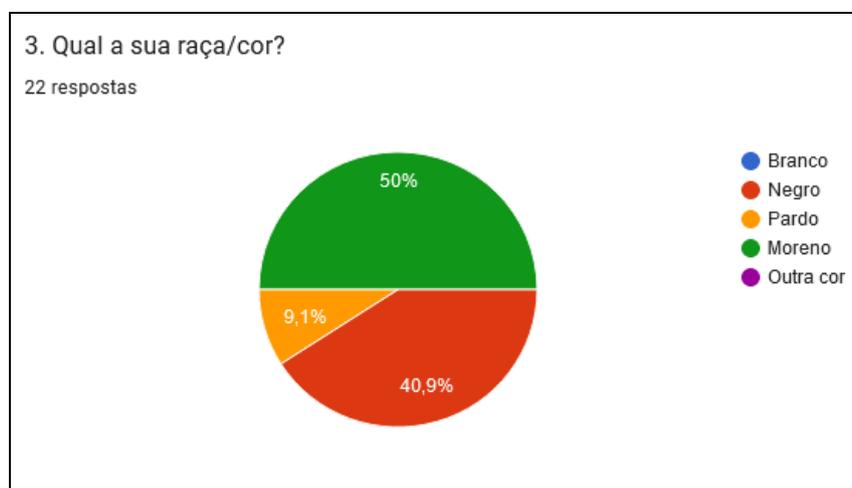
Ao analisar o gráfico, fica perceptível que as filosofias africanas não são culturalmente difundidas na sociedade brasileira, mesmo com o uso comercial do termo Ubuntu, que na maioria das vezes é utilizado de forma rasa e piegas, simplesmente para anteder as demandas de mercado que descaracteriza seu verdadeiro sentido holístico, ontológico de humanidade.

Pensando em um Brasil, atravessado historicamente por desigualdades sócio-raciais abissais, convictamente derivadas de um passado escravista, o nosso país tem se deparado com o grande desafio de rememorar sua história com bases ancestrais e construir soluções providenciais, capazes de reverter séculos de iniquidades de fundo raciológico e promover equidade social. A partir da afroperspectiva Renato Noguera sugere uma (re)construção do cenário social brasileiro a partir da filosofia:

Numa sociedade racista que apresenta dados alarmantes de violência urbana em que as principais vítimas são jovens negras e negros, filosofar pode ajudar a repensar o cenário político e social. Mas, insisto, eles devem estudar uma Filosofia que seja marginal e antidogmática. Uma Filosofia que pense o racismo, uma Filosofia que trate da violência, uma Filosofia que pense o Brasil, uma Filosofia enredada no nosso território cultural, uma Filosofia que está porvir e que, talvez, possa estar em semente no pluriverso filosófico afroperspectivista.

O conhecimento ancestral é muito importante para um povo com construção afrodiaspórica e a filosofia Ubuntu exprime consciência antirracista

Gráfico 2 – Gráfico demonstra a autopercepção dos participantes do projeto com relação a raça/cor.



Fonte: autoria própria (2022)

Esse gráfico estimula uma reflexão que diz respeito à identificação racial, como os sujeitos da pesquisa (não) se veem. Fica explícito nessa proposta de autodeclaração que há uma tentativa de distanciamento da categorização de “ser negro”, evidente através das possibilidades de se declarar moreno ou pardo.

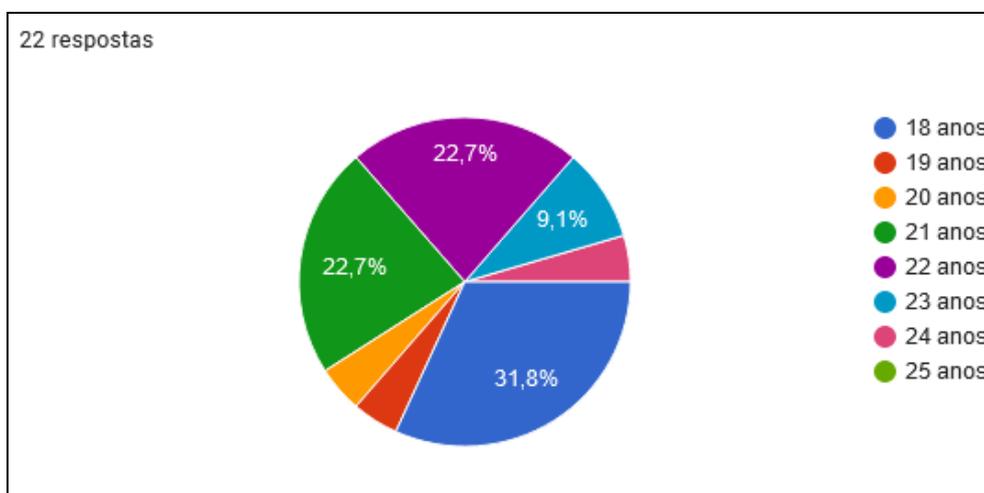
Para tratar sobre essa alienação do negro(a), que busca suas estratégias de usar “máscaras brancas” como tentativa de sobreviver ou ser aceito diante da sociedade racista, Fanon traz reflexões importantes, como por exemplo, o que quer o homem negro?

... ele quer ser um ser humano, pois sendo assim se torna civilizado, que também é sinônimo de ser branco. Logo, é branco que ele tentará ser. Para resistir em todos os espaços, colonizadas e colonizados precisam se adequar nessa saída de embranquecimento, mas, segundo o filósofo, é uma armadilha para o nada ou para um não-ser, esse seria um indivíduo imerso na cultura alheia e alheio a sua própria cultura, sua identidade, sua história. (FANON, 2008, p. 26).

Portanto é preciso debater, reconhecer e se afirmar enquanto negros, percebendo que seja qual for a categorização, desde que seja não branco,

nossas relações sociais, afetivas, profissionais serão sempre atravessadas e marcadas negativamente pelo recorte racial estrutural.

Gráfico 3 – Faixa etária dos participantes da vivência do projeto



Fonte: autoria própria (2022)

O processo de construção identitária não passa apenas pela autodeclaração, mas pelas informações e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. Fazendo a relação da percepção identitária com a idade dos participantes, podem perceber que relativamente no campo teórico, minimamente a escola já poderia ter construído esse orgulho e percepção de identidade negra.

Se aprofundarmos um pouco mais, podemos perceber que com essa faixa etária talvez a escola possa ter feito o papel contrario ao que propomos aqui com proposta de educação não formal. Seria ela o espaço racista institucionalizado que omite, rasura e até apaga diariamente as histórias e referencias da população negra brasileira.

É urgente a necessidade de construirmos coletivamente o pensamento afrocêntrico para materializarmos um contraponto com a certeza de Frantz Fanon quando ele diz que:

Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco. (FANON, 2008).

Mesmo em 2003, com a criação da lei 10.639 que tornou obrigatório o ensino da história da África e da cultura negra nas escolas com o objetivo de resgatar "a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil e também com as comemorações/reflexões do mês da consciência negra, percebe-se que ainda precisamos avançar muito mais no que diz respeito ao debate antirracista e de nossas identidades

5.2. REGISTROS DAS VIVÊNCIAS REALIZADAS NO PROJETO UBUNTU AFROATIVIDADE

Pautado na relação cultura corporal e filosofia Ubuntu e com abordagem da práxis na perspectiva crítico-superadora, o caderno afropegagógico apresenta-se com um recurso pedagógico que permite o questionamento das "regras do jogo", um caminho metodológico que visa desencaixotar os elementos da cultura corporal, libertando-os do pragmatismo institucionalizado que promove suas materializações de acordo com os ideais hegemônicos eurocêntricos.

Pensar Ubuntu é levar em consideração a interdependência entre as pessoas, é considerar os sujeitos como parte de uma coletividade, que expressa o sentido de comunidade, comunhão e ligação humana.

O ato de jogar tem uma relação extremamente íntima com o pensamento Ubuntu, visto que consideramos sempre "jogar com" e nunca o "jogar contra". É preciso reconhecer e valorizar a existência do adversário para que o jogo aconteça.

A tendência pedagógica que orienta esse projeto é a compreensão que no jogo todo mundo ganha, com base nas reflexões filosóficas africanas, absorvemos a máxima win-win, que com base em África expressa a ideia de que "todos ganham".

Essas reflexões são importantes e necessárias como ponto de partida para pensarmos em afroperspectivas coletivas.

Registro de vivência do elemento da cultura corporal Frisbee



Foto: de arquivo pessoal (2022)

No projeto Ubuntu Afroatividade vivenciamos os jogos como elementos da cultura corporal, a exemplo disso destaco o Frisbee, que é uma prática que evidencia a sociabilidade, potencializa as relações interpessoais e a transmissão de valores como cooperação, integração e participação voluntária, além do desenvolvimento tático da linha de passes para aprimoramento de modalidades esportivas.

A dinâmica de materialização desse jogo é facilmente relacionada em interface com os fundamentos afrocivilizatórios da filosofia africana Ubuntu, pois essa vivência é capaz promover o exercício reflexivo dos princípios de honestidade, respeito e coletividade.

Ubuntu concebe uma consciência sobre a existência de uma teia de relações entre seres humanos, ancestralidade, a natureza e o sagrado, desconstruindo evidencias individuais e o fomento da competição para construir ideais comunitários e de cooperação, com ênfase coletivo como condição inerente à existência humana.

Os princípios dessa prática proporcionaram um ambiente lúdico norteado pela busca do prazer e espontaneidade.

Registro de vivência do elemento da cultura corporal Slackline



Foto: de arquivo pessoal (2022)

A partir dos estudos com base em África e nas filosofias e na filosofia Ubuntu, percebemos que não há espaço para e competição exclusiva, com fim de si mesmo, sem reflexão crítica.

A relação entre vencer e perder nas vivências dos elementos da cultura corporal deve ser percebida como um aspecto emocional social a ser desenvolvido através do equilíbrio.

O equilíbrio, a equidade, a harmonia e o respeito, com base nas filosofias africanas e principalmente na Ubuntu, é construindo com base no pensamento de um universo como um todo, orgânico, que tende à harmonia e que as partes individuais.

Analisando o princípio da ludicidade a partir de uma afroperspectiva, podemos fazer o contraponto com os valores capitalistas que reforçam a ideia obrigatória de divisão expressa entre vencedores e perdedores, mais fortes e mais fracos, mais velozes e mais lentos, os pobres e os ricos.

Descolonizando o pensamento. Ao invés de pensarmos que há uma competição inerente aos seres humanos, como exemplo pensar na competição de espermatozoides para gerar a vida, podemos compreender como uma cooperação entre eles para que um ou mais possam alcançar o objetivo. Isso é um exercício reflexivo.

Registro de momento flexivo sobre soberania alimentar



Foto: de arquivo pessoal (2022)

A partir noção de interdependência da filosofia Ubuntu, Noguera (2011), traz a reflexão sobre colaboração e solidariedade como modos de buscar uma convivência mais harmoniosa, recíproca e menos destrutiva.

Em um dos encontros, iniciamos com nossa roda conversa falando sobre insegurança alimentar, nutricional, partilha e comunitarismo com base na filosofia Ubuntu. Na sequência do encontro, após a vivência corporal, foi oferecido as participantes alimentos diversos, como bolos, salgados, barras de cereal e refrigerante, mas que dentro das diferentes possibilidades não tinha quantidade suficiente para todos.

Sem influência externa eles decidiram coletivamente que todos teriam que experimentar um pouco de tudo, e assim fizeram, dividiram tudo em duas ou três partes e o resultado disso foi que todos saíram alimentados e puderam provar tudo que tivesse vontade.

Registro de mensagem enviada via rede social após encontro do projeto Ubuntu Afroatividade



Imagem: de arquivo pessoal (2022)

Registro de texto subjetivo sobre o projeto Ubuntu Afroatividade

“O que falar do projeto Ubuntu?

Um projeto criado pelo professor Carlos Elber, que não só nos proporcionou o reencontro com o professor e demais amigos, mas também nos proporciona momentos reflexivos com músicas, conhecimentos do professor, frases e etc, para que venhamos conhecer um pouco de outra cultura e entender como ser melhores, e que não é necessário ter muito para se ajudar ou se achar superior por ter e poder ajudar, mas entender que somos um só, uma frase que marcou das tantas foi “Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo”. Frase pequena, mas com grande peso no pensar, para resumir as experiências proporcionada nesse projeto, foi maravilhosa não só pelo fato de poder reencontro outros amigos/irmão mas também pelos conhecimentos adquirido, e agradeço ao professor por se disponibilizar para nos propor esses momentos.”

Texto recebido via rede social: de arquivo pessoal (2022)

**Registro de desenho e frase subjetiva sobre o projeto Ubuntu
Afroatividade**



Imagem: de arquivo pessoal (2022)

Frase escrita por participante do projeto:

“Ubuntu pra mim é termos a capacidade de aceitar o próximo da forma que ele é, suas ideias seu estilo de vida, e mais humanismo e amor”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Já estivemos aqui num outro agora”

Alana Dédalos

Após tantas andanças, atravessamentos, escrevivências, acúmulo de leituras, estudos e debates, compreendi que o racismo historicamente é um elemento estruturante que insiste em ser constitutivo da formação social em nosso país, mas também me deparei com possibilidades educacionais de fortalecimento da luta antirracista.

Essa produção propôs uma aproximação entre a cultura corporal e a filosofia Ubuntu através de teorias e vivências práticas que resultaram na compreensão dessa relação como uma metodologia pedagógica potente na contribuição para formação humana.

Depois (re)conexão ancestral e “ser escolhido” pela filosofia Ubuntu, além de perceber ampliação na compreensão e sentido dessa filosofia africana, consigo visualizar sua aplicabilidade e principalmente a materialização no convívio cotidiano social através do projeto Ubuntu Afroatividade.

Como ponto de destaque, identificamos que os participantes permaneceram motivados e demonstraram interesse em continuar o ciclo de vivências do projeto.

Percebendo as problemáticas históricas que afligem nosso povo preto e pensando no futuro mais justo, precisamos dissolver as identidades criadas pelo colonialismo e possibilitar escutas às vozes historicamente silenciadas.

A partir das vivências materializadas à luz da filosofia Ubuntu estabelecemos as relações e, a partir dos valores civilizatórios africanos refletidos e exercitados, conseguimos desenvolver o senso de cuidado coletivo, e principalmente o (re)conhecimento identitário de pessoas negras.

O conjunto dessas ações e pensamentos decoloniais exploraram possibilidades de uma afroperspectiva que não apenas incida na formação tecnicista de das pessoas pretas, mas uma ativa de busca de tornar os embranquecidos espaços em ambientes seguros, de formação e fortalecimento de identidades combativas ao racismo, preconceito e discriminação.

Após essa caminhada, torna-se evidente a necessidade de aumentar quantitativamente e qualitativamente tempos/espços que possam estabelecer reflexões que auxiliem a evolução do processo educativo para uma afroperspectiva, com base de-colonial, promovendo fortalecimento dos discursos e ações antirracistas, e principalmente a partilha e construção dos saberes e conhecimentos subversivos.

As reflexões a partir de elementos que parecem ser heterogêneos como água e óleo podem parecer complexas, mas, certamente desemboca em uma possibilidade metodológica antirracista.

Essa produção é capaz de reforçar a necessidade coletiva de produzir e investigar a partir da identidade, memória e trajetória, fortalecendo o processo de inserção e ascensão de pessoas negras na sociedade que nega o racismo.

A proposta também está diretamente relacionada aos problemas e dificuldades do próprio sujeito perceber a exclusão e o preconceito de pessoas pretas através do “não sentimento”, causado e refletido por não se identificarem enquanto negros.

Pensando em educar no contexto não formal, a filosofia Ubuntu ocupa um espaço que potencializa práticas educativas de pertencimento e valorização da perspectiva afrocentrada, extrapolando ed forma visceral e orgânica os limites dos humanismos do pensamento ocidental.

Ao agenciar uma ideia de autorreconhecimento, a metodologia provoca nos participantes do projeto um empoderamento e enfrentamento dos racismos e preconceitos estruturais que atravessam suas vidas no cotidiano.

Após a materialização desse projeto fica constatado a possibilidade de relacionar pedagogicamente os elementos da cultura corporal com a filosofia Ubuntu para subsidiar um processo formador de humanidades capazes de lidar com as diferentes manifestações racistas, oferecendo repertório e arcabouço necessário para atitudes críticas e reflexivas na comunidade em que vivem, e conseqüentemente, possam transformá-la.

Precisamos falar/ouvir sobre nossa verdadeira história, principalmente a partir de uma perspectiva afrocentrada, com narrativas e referências próprias. Levar em consideração a diáspora, sem romantizar a história, pois o processo de dispersão de diversos povos do continente africano, foi violento, com sequestro, submissão aos maus tratos e ao trabalho forçado.

Precisamos como a Sankofa, voltar ao passado para compreender nosso presente e planejar nosso futuro, aprender a ler, pra ensinar os/as camaradas.

Registrando as considerações finais desse trabalho diante de tudo que foi exposto, agenciamos a metodologia Ubuntu Afroatividade como proposta subversiva, capaz de tensionar a lógica da colonialidade, da modernidade capitalista, do epistemicídio africano e do racismo estrutural.

“Não dá para falar em consciência humana enquanto pessoas negras não tiverem direitos iguais e sequer forem tratadas como humanas.”

Djamila Ribeiro

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda**. Resgate (UNICAMP), Campinas, v. 13, p. 171-176, 2005.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AFONSO, Almerindo J. (2001). **A redefinição do papel do Estado e as políticas educativas: elementos para pensar a transição**. Sociologia, Problemas e Práticas, nº 36.
- ALMEIDA, Silva Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org). Afrocentricidade. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade a teoria de mudança social**. Afrocentricidade Internacional, 2014.
- ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001
- BENETTI, Alfonso. **A Autoetnografia como método de investigação artística sobre a expressividade na performance pianística**. OPUS, v. 23, n. 1, p. 147-165, abr. 2017.
- BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Unijuí, 2009
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada em 5 de outubro de 1988. Artigo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 05 out., 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao.htm.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2004). **Pesquisa de orçamentos Familiares - POF 2002-2003**. Excesso de peso atinge 38,8 milhões de brasileiros adultos. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
- BRASIL. Secretaria da Promoção da Igualdade Racial. **Mapa da Violência**. Brasília, 2012.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. 11^a Reimpressão. São Paulo: Cortez, 1992.
- EVARISTO, Conceição. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. In Marcos Antônio Alexandre (org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- FANON, Frantz – **Pele negra, máscaras brancas** – Ed. Edufba (2008).
- FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo, SP: Scipione, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FRIGOTTO, G. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. In: Fazenda, I. (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, jan./jun 2003, p. 167 – 182
- GONZALEZ, Lélia. **O movimento negro na última década**. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982
- HALL, S. Quem precisa de identidade. In: Silva, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- IBGE, **(Estimativas de População)**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 jun 2022.
- ICMBIO, MMA. **Comunidade Prática: Troca de Experiências Pedagógicas - Cursos ICMBio**. Recuperado de: <https://ava.icmbio.gov.br/course/view.php?id=78>. Acessado em 30 jun 2022.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: para que?**. São Paulo: Cortez, 2002
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia Ubuntu: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento**. Curitiba: Editora CRV, 2014.
- MALOMALO, B. Eu só existo porque nós existimos. **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, 353, ano X, 2010.
- MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2014.
- MALOMALO, Bas'ilele. **“Eu só existo porque nós existimos”: a ética Ubuntu**. Entrevistas publicadas pela Revista do Instituto Humanitas Unisinos. 353, p. 19-23, em 06 de dezembro de 2010. <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3691-bas%E2%80%99ilele-malomalo>. Acessado em 17 de abril de 2021.
- MALOMALO, Bas'ilele. **#068 – Filosofar em África (ou Bisoidade)**. Recuperado de: <https://filosofiapop.com.br/podcast/068-filosofar-em-africa-ou-bisoidade-com-basilele-malomalo-filosofia-pop/>. Acesso em: 20 maio 2022.

MEC, Ministério da Educação. **Aprendizagem significativa – breve discussão acerca do conceito**. Recuperado de: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/191-aprendizagem-significativa-breve-discussao-acerca-do-conceito>. > Acesso em: 30 jun 2022.

MÉSZÁROS, István. Desemprego e precarização: Um grande desafio para a esquerda (2). **Revista Vinculando**, 2005.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

MUNANGA. Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. In: **Superando o Racismo na escola** (Org) .Kabengele Munanga . Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada , Alfabetização e Diversidade,2005.

MUNANGA. Kabengele. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?** Revista da ABPN, v.4, n.8, pp.06-14, 2012.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Alexandre do. **Ubuntu como fundamento**. UJIMA – Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros. nº20. Ano. 20, 2014. Disponível em: < https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/alexandre_do_nascimento_-_ubuntu_como_fundamento.pdf> Acesso: 13 de março 2021.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Aproximações Brasileiras às Filosofias Africanas: Caminhos Desde uma Ontologia Ubuntu**. In: Prometeus Filosofia, ano 09, número 21, Dezembro/2016.

NASCIMENTO, W. F. **Ubuntu: potências mais além dos equívocos**. [Entrevista cedida a] Silvano Euclênio. Pensar Africanamente – Canal YouTube , 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c2KsxiZFJMc>. Acesso em: 28 de novembro de 2021.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. 4 ed. Londrina: Midiograf, 2006.

NOGUERA, Renato. **Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista**. Revista da ABPN.V.3 p. 147-150. 2011.

NOGUERA, Renato. **Afrocentricidade e Educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. Revista África de Africanidades, CidadeRio de Janeiro, ano 3, n. 11, nov. 2010.

NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. **Infância, Ubuntu e Teko Porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas**. Childhood & Philosophy, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, set.-dez. 2018.

NOGUERA, Renato. **Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade**. Revista Sul- Americana de Filosofia e Educação, n.18: mai-out/2012, p. 62 – 73.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**/Sávio Assis de Oliveira.- 3. ed. - Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2010. (Coleção educação física e esportes). 217 p.

RAMOSE, Mogobe. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana**. v. 4, p. 06-24, out. 2011.

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu**. Tradução para uso didático.

RAMOSE, Mogobe B. **A importância vital do “Nós”**. Entrevistas publicadas pela Revista do Instituto Humanitas Unisinos em 06 de dezembro de 2010.
http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3687&secao=353. Acessado em 17 de abril de 2021.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p.49-66. **A filosofia do ubuntu e ubuntu como uma filosofia**. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

RAMOSE, M. B. Sobre a legitimidade da filosofia e o estudo da filosofia africana. **Ensaios filosóficos**, volume IV, outubro, 2011.

RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen. Disponível em:<
https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe_b._ramose_-_a_%C3%A9tica_do_ubuntu.pdf>.

SANTOS, Boaventura de Sousa et MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra, Almedina editora, 2009.

SARAIVA, Luís Augusto Ferreira, **Sobre veias d'águas e segredos da mata: filosofia ubuntu no terreiro de tambor de mina**, Luís Augusto Ferreira Saraiva; orientador Wanderson Flor do Nascimento. -- Brasília, 2018. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Metafísica) -- Universidade de Brasília, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. Comunicação apresentada na Mesa-Redonda sobre a Natureza e especificidade da Educação, realizada pelo INEP, em Brasília, no dia 05 de julho de 1984.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. ed.11.rev. São Paulo: Autores Associados, 2011. (Coleção educação contemporânea). p.11-20.

TAFFAREL, Celi NelzaZulke; et al. **Cultura Corporal e Território: uma contribuição ao debate sobre reconceptualização curricular**. In: Motrivivência. Florianópolis, Ano XVII, Nº 25 p 17-35, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TRINDADE, Azoilda L. da. **Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira**. In: BRANDÃO, P.; TRINDADE, A. L. da. (orgs.). *Modos*

de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da (org.). **Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro**. Rio de Janeiro: TV escola /MEC, 2013.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2ª ed., São Paulo, 2001.

UNESCO: **Abrindo Espaços: Educação e cultura para a paz**. Brasília. Edições UNESCO, 2001.

VAGO, Tarcísio Mauro. **O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente** – Um diálogo com Valter Bracht. Movimento, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 4-17, 2 de set. 1996.

ANEXO (I)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**CULTURA CORPORAL E FILOSOFIA UBUNTU:
Princípios educativos de coletividade e (re)afirmação de identidade da
população negra.**

ROTEIRIZAÇÃO DO PROJETO

Projeto: Ubuntu Afroatividade
Período: 03 meses
Professor: Carlos Elber Ribeiro Machado
Orientador: Rafael Petry Trapp

ROTEIRO

"Uma pessoa se torna uma pessoa através de outras pessoas..."

Idealização e organização do escopo do projeto

Levantamento de referências teóricas a atividades práticas para escrita do projeto

Divulgação e inscrição dos viventes do projeto

Criação de grupo de virtual com viventes do projeto

Criação de página em rede social com perfil do projeto

Providências de materiais didáticos para materialização do projeto

Solicitação de espaço físico para realização das vivências do projeto

Aplicação de questionário/inscrição e coleta de dados (formulário virtual)

Coleta das assinaturas do TCLE

Reunião presencial para apresentação e alinhamento do projeto

Materialização da sistematização do projeto

ANEXO (II)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**CULTURA CORPORAL E FILOSOFIA UBUNTU:
Princípios educativos de coletividade e (re)afirmação de identidade da
população negra.**

SISTEMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS

Projeto: Ubuntu Afroatividade

Período: 03 meses

Professor: Carlos Elber Ribeiro Machado

Orientador: Rafael Petry Trapp

Datas	Rodas de conversas Antirracistas	Reflexões dos valores Ubuntu	Vivências da cultura corporal	Registro de afrosaberes
	Aquilombamento	Reunião de apresentação do projeto	Dinâmicas de socialização confraternização	Registro fotográfico
	Ancestralidade	História afrodiaspórica e pertencimento	Futsal e Frisbee	Nuvem de palavras
	Circularidade	(des)hierarquização dos saberes, conhecimento e proteção coletiva	Futsal e Fut-redinha ou futmesa	Escrever texto no rede social
	Oralidade	Tradição, legados afrodiaspóricos e sabedoria popular (Sankofa)	Futsal e Baleado	Gravar áudio no rede social
	Memória	Compaixão perante desigualdades sociais e raciais	Futsal e Dama	Desenhar e fotografar a produção
	Corporeidade	Cultura corporal, afroestética e sobrevivência do corpo	Futsal e Slackline	Fazer colagem com revistas

		preto.		
	Musicalidade	Alegria, reflexão crítica e identificação com textos musicas	Futsal e Frisbee	Nuvem de palavras
	Amizade	Empatia, parceria, responsabilidade com próximo. (Malungo)	Futsal e Fut-redinha ou futmesa	Escrever texto no whatsapp
	Ludicidade	Diversão coletiva e desnaturalização do racismo recreativo	Futsal e Baleado	Gravar áudio no whatsapp
	Espiritualidade	Combate a intolerância religiosa e valorização do sagrado	Futsal e Dama	Desenhar e fotografar a produção
	Interconectividade	Necessidade de valorização da relação interpessoal	Futsal e Slackline	Fazer colagem com revistas
	Convicção Ubuntu	Diálogo sobre afroperspectivas e finalização do ciclo de encontros	Festival de Futsal	Registro fotográfico

Atividades remotas sistematizadas:

- Compartilhamento em grupo de vídeos, filmes, frases e clipes temáticos,
- Fomento discussões e leituras sobre filosofia Ubuntu e outras produções antirracistas,
- Acompanhamento etnográfico virtual via redes sociais.

ANEXO (III)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**CULTURA CORPORAL E FILOSOFIA UBUNTU:
Princípios educativos de coletividade e (re)afirmação de identidade da população negra.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como público vivente voluntário(a) do projeto de intervenção Ubuntu Afroatividade, que faz parte do projeto de mestrado Cultura Corporal e Filosofia Ubuntu: princípios educativos e (re)afirmação da identidade negra, desenvolvido sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Carlos Elber Ribeiro Machado. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe convidando a participar para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação no projeto. Contato: (75) 99126-2140, e-mail carloselber@hotmail.com

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do projeto, rubrique as folhas e assine ao final deste documento. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO DE INTERVENÇÃO/ PESQUISA:

- Descrição: O projeto Ubuntu Afroatividade tem por objetivo gerar uma escrita e produto que possa potencializar princípios educativos de coletividade e (re)afirmação de identidade da população negra a partir de experiências com elementos da cultura corpora à luz da filosofia africana.
- A participação do voluntário no projeto inicia-se a partir de sua autorização verbal e ou escrita e finaliza-se com o término do ciclo de encontro e vivências combinadas pelos participantes, podendo ser complementada em ocasião futura caso haja alguma informação importante que não foi coletada.
- Riscos e Desconfortos: Existem possíveis riscos relacionados a vivencias dos elementos da cultura corporal (lesões e ou machucados).
- BENEFÍCIOS: Conhecimento de outros conhecimentos práticas corporais, interação social, contribuição para sociedade por meio das ações coletivas.

As informações desse projeto e pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados sob a responsabilidade do pesquisador período mínimo de 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidos pelos pesquisador. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

A handwritten signature in blue ink, reading 'Carlos Elber Ribeiro Machado', is written over a horizontal line.

(assinatura do responsável)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o responsável, concordo em participar do estudo como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) responsável(a) sobre o projeto, os procedimentos nele envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:

Assinatura:

Nome:

Assinatura:

ANEXO (IV)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Santo Antônio de Jesus, 07 de novembro de 2020,

PROJETO UBUNTU AFROATIVIDADE

Salve querida família,

É assim que enxergo e orgulho-me, sinto-me parte das vidas de vocês e desse bairro acolhedor de gente batalhadora. Uma filosofia africana chamada Ubuntu, diz que nós só podemos existir por que outras pessoas existem, mostrando para nós a importância de coletividade e amor ao próximo.

Sinto-me em estado de felicidade por poder proporcionar momentos de alegria e descontração para vossos filhos e filhas, sempre com respeito, dignidade, princípios educativos e o intuito de formarmos uma verdadeira extensão familiar. Contribuindo também para manutenção de jovens fisicamente ativos e emocionalmente equilibrados.

Dessa forma peço licença e permissão para ter seus filhos e filhas no meu projeto intitulado **UBUNTU AFROATIVIDADE**, a fim de vivenciarmos juntos algumas experiências com atividades corporais como futebol, frisbee, baleado, pipas, futmesa entre outras, além das rodas de conversas educativas com base na sabedoria da filosofia africana Ubuntu.

Caso estejam de acordo com a participação, assine abaixo e nos desejem e enviem energias de sucesso nessa jornada educativa.

Assinatura de mãe/pai e ou responsável

Mais uma vez reforço minha satisfação de poder proporcionar momentos como estes para seus filhos e filhas e fortalecer nosso vínculo afetivo.

Prof. Carlos Elber Ribeiro Machado - 71 991262140
Projeto Ubuntu Afroatividade

ANEXO (V)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

PLANO DE AULA

MESTRANDO: Carlos Elber Ribeiro Machado
ORIENTADOR: Rafael Petry Trapp
PÚBLICO VIVENTE: Jovens moradores do bairro Zilda Arns
PERÍODO PREVISTO: 03 meses

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
Elementos temáticos: Cultura Corporal e Filosofia Ubuntu
OBJETIVOS
Objetivo Geral: Objetivos Específicos:
METODOLOGIA/ESTRATÉGIA
Parte inicial: - Diálogo antirrascista educativo reflexivo - Atividade lúdica Desenvolvimento: - Vivência prática dos elementos da cultura corporal Parte Final: - Atividade de registro
RECURSOS DIDÁTICOS
- Materiais necessários para realização da aula
AVALIAÇÃO
OBSERVAÇÕES / COMENTÁRIOS
REFERÊNCIAS

APÊNDICE – CADERNO AFROPEDAGÓGICO

Esse produto acadêmico surge como fruto da urgente necessidade de combate a todas as formas violência racial postas e ou planejadas contra as pessoas pretas e de uma pressa em realizar reparação histórica com os povos, comunidades, raças e etnias subalternizadas, bem como da premência em compreender histórico *o modus operandis* do racismo se origina e sustenta nas estruturas e diferentes facetas enraizadas na história do Brasil.

O caderno afropedagógico **Ubuntu Afroatividade** é um material didático que versa principalmente sobre o processo de “humanidade para com os outros”, a partir de reflexões e sugestões de práxis pedagógicas antirracistas.

Esse material prima por enegrecer do pensamento ao letramento racial e agenciar possibilidades mais especificamente no campo de atuação da educação física e das filosofias africanas.

O objetivo não é tornar o autor muito menos a obra centro do debate, mas sim servir como referência para que outros companheiros e companheiras possam pensar possibilidades de unir elementos da cultura corporal às perspectivas decoloniais.

CARLOS ELBER RIBEIRO MACHADO

UBUNTU AFROATIVIDADE

CADERNO AFROPEDAGÓGICO





UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

CARLOS ELBER RIBEIRO MACHADO

CULTURA CORPORAL E FILOSOFIA UBUNTU:

Princípios educativos de coletividade e (re)afirmação
de identidade da população negra.

Itabuna
2023





CULTURA CORPORAL E FILOSOFIA UBUNTU:

Princípios educativos de coletividade e (re)afirmação
de identidade da população negra.

Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

M149u Machado, Carlos Elber Ribeiro, 1983-

Ubuntu afroatividade: caderno afropedagógico / Carlos Elber
Ribeiro Machado. – Itabuna: UFSB, 2023. -
65f.

E-book.

1. Ubuntu (Filosofia) – Estudo e ensino. 2. Cultura corporal. 3.
Negros - Identidade racial. 3. Filosofia africana. I. Título.

CDD – 371.335

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922

Itabuna
2023



Dedico essa produção a juventude negra das periferias, comunidades e favelas; que possam ter acesso a referências e legados ancestrais do nosso povo muito antes do que o meu tempo e transmitam com orgulho, de forma oral ou escrita para futuras gerações.



Fotografia: acervo particular

"Ubuntu: humanidade para todos"

"Uma pessoa se torna uma pessoa, através de outras pessoas"

(Provérbios Africanos)



Apresentação	06
Princípios e Fundamentos Afropedagógicos	10
Introdução	13
A filosofia Ubuntu como potência pedagógica	16
Aquilombamento pedagógico	18
Fundamentos pedagógicos socioeducativos	20
Princípios, valores e caminhos pedagógicos afrodiaspóricos	23
Sistematização das experiências afropedagógicas	37
Estratégias metodológicas do projeto	39
Reflexões Afroentradas	45
Indicações de afrosaberes	46
Registros das vivências do projeto	56
Referências Bibliográficas	60

APRESENTAÇÃO

Enegrecer do pensamento ao letramento

Esse produto acadêmico surge como fruto da urgente necessidade de combate a todas as formas violência racial postas e ou planejadas contra as pessoas pretas.

Ele emerge a partir de uma pressa em contribuir com processo de empoderamento e reparação histórica de povos, comunidades, raças e etnias subalternizadas, bem como da premência em compreender histórico o *modus operandis* do racismo se origina e sustenta nas estruturas e diferentes facetas enraizadas na história do Brasil.

O caderno afropedagógico Ubuntu Afroatividade é um material didático que versa principalmente sobre o processo de “humanidade para com os outros”, a partir de reflexões e sugestões de práxis pedagógicas antirracistas.

Esse material prima por enegrecer do pensamento ao letramento racial e agenciar possibilidades mais especificamente no campo de atuação da educação física e das filosofias africanas.

O objetivo não é tornar o autor muito menos a obra centro do debate, mas sim servir como referência para que outros companheiros e companheiras possam pensar possibilidades de unir elementos da cultura corporal às perspectivas decoloniais.



APRESENTAÇÃO

Enegrecer do pensamento ao letramento

Raça - É uma construção conceitual social forjada a partir das tensas relações entre brancos e negros.

Ubuntu - É uma entre as filosofias africanas que sintetiza uma concepção de humanidade com base interconectividade, na coletividade e respeito mútuo.

Cultura Corporal - É o resultado da tematização de atividades expressivas corporais como os jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esportes, capoeira.

Ancestralidade - É o eixo do entendimento da nossa existência, proporciona a vivência do nosso presente e futuro com base indetitárias no passado.

Afroperspectiva - É uma possibilidade de se pensar a partir de um território epistêmico que não seja ocidental, principalmente com base em África.

Afrocentricidade - É o pensamento que concebe os africanos e seus descendentes como sujeitos de sua própria ação, sendo que a ideia de conscientização de si está na centralidade

Aquilombamento - É o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político e de uma coletividade.

Negritude - É o estado de sentimento de orgulho racial e conscientização do valor e da riqueza cultural negra.



APRESENTAÇÃO

O caderno afropedagógico intitulado Ubuntu Afroatividade é uma ferramenta pedagógica que potencializa uma organização e debate coletivo a partir de uma afroperspectiva humana, além de agenciar a elaboração de estratégias teórico-metodológicas de enfrentamento ao racismo, com destaque principal para vivências conscientes e sistematizadas dos elementos da cultura corporal à luz da filosofia africana Ubuntu, reverberando o pensamento/diálogo como uma base sólida do processo educativo necessário à promoção e (re)afirmação da identidade da população negra.

Esse projeto foi idealizado em 2021 pelo professor de Educação Física e pesquisador Carlos Elber Ribeiro Machado, momentaneamente discente do programa de mestrado em Relações de Ensino Étnico/Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). A justificativa baseia-se na percepção subjetiva urgente de contribuir significativamente com os pares no diz respeito ao exercício de práxis contra hegemônicas e decoloniais, que colidam com a ordem eurocêntrica do pensamento. Essa proposta tem como objetivo estimular a organização de tempos/espacos para teorização e vivências pluriversais antirracistas.

Esse material disponibiliza experiências e resultados relacionadas a processos educativos não formais de jovens negros de uma comunidade a partir de debates antirracistas, com plano de ação metodológico desenvolvido a partir de vivências reflexivas de elementos da cultura corporal à luz da filosofia africana Ubuntu.



Neste caderno apresentamos a filosofia africana Ubuntu como referencial afrocentrado, como uma potencialidade pedagógica no processo educacional brasileiro das relações étnico-raciais. Como ponto de partida refletimos, de que maneira a relação entre as vivências sistematizadas conscientes dos elementos da cultura corporal à luz da filosofia africana Ubuntu pode contribuir para a educação das relações étnico-raciais no Brasil?

Sem pretensão de ser o centro do debate, essa publicação visa referenciar, incentivar e inspirar outras pessoas a refletirem e agirem no combate e superação do racismo e promoção da diversidade.

É de suma importância a compreensão que o racismo não se trata de fenômeno isolado muito menos um fato pontual. Ao contrário disso, é um elemento estrutural e estruturante na construção da sociedade brasileira e a educação tem papel fundamental na superação problemática social

A filosofia Ubuntu apresenta-se nesse caderno como base ética/moral das ações pedagógicas que propõem desconstruir estereótipos preconceituosos e discriminatórios, além de apresentar aos participantes uma concepção de mundo afrocentrada em contraponto com a lógica de construção dos saberes eurocêntricos predominantes hegemonicamente na sociedade. Aqui tratamos a educação como processo de construção coletiva para promoção de emancipação, equidade, autonomia, qualidade de vida e bem estar da população negra.



PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS AFROPEDAGÓGICOS

Reconhecimento e respeito a diversidade e pluralidade humana;

Promoção de equidade e compromisso com debate estrutural;

Valorização e fomento do processo de construção da autonomia humana;

Orientação para construção de conhecimento afrocentrado e horizontalizado;

Indução ao processo criativo pedagógico para o desenvolvimento educativo coletivo e individual;

Aposta na construção e consciência coletiva de uma prática educativa antirracista;

Compromisso com uma reflexão crítico-superadora.

 ubuntu_afroatividade



Fotografia: acervo particular

“Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça”.
(Provérbio africano)



PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS AFROPEDAGÓGICOS

O símbolo do projeto que está na capa do caderno traz signos e elementos coerentes com o pensamento e projeta significados: no círculo a essência das cores da nossa pele preta, do verde da natureza, o ouro das nossas riquezas e em vermelho o sangue derramado pela resistência. Uma ciranda que aponta para o aspecto de energia fluida, sem hierarquias. Os mapas de Brasil e África tem um elo na diáspora dos humanos e o ideograma adinkra Sankofa, que é um pássaro que volta a cabeça para resgatar um ovo que significa vida e sabedoria, “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.”



Como a Sankofa, vamos voltar ao passado para compreender nosso presente e planejar nosso futuro. É necessário pesquisar, estudar e levar em consideração do histórico processo de diáspora, sem romantizar a história, pois o processo de dispersão de diversos povos do continente africano, foi violento, com sequestro, submissão maus tratos e trabalho forçado. Precisamos falar/ouvir/registrar nossa verdadeira história, principalmente a partir de uma perspectiva afrocentrada, com narrativas e referências própria.





INTRODUÇÃO

Sei que não dá mais para mudar o começo, mas se a gente quiser, vai dar para dar o final.”
(Elisa Lucinda)

INTRODUÇÃO

Ao compreender a função da educação na sociedade e especialmente reconhecer que o resultado do processo educativo é a transformação coletiva, a o caderno afropedagógico propõe através do projeto Ubuntu Afroatividade uma amplificação e potencialização de possibilidades teórico-metodológicas com estratégias que promovam experiências de aprendizagem baseadas em vivências dos elementos da cultura corporal à luz de filosofias africanas, nesse caso em especial a filosofia Ubuntu.

Uma proposta idealizadora do fortalecimento da identidade negra, capaz de ser engajadora e principalmente eficaz no combatente ao racismo.

Os princípios filosóficos propostos no projeto Ubuntu Afroatividade estimulam reflexões, vivências e ações comunitárias como fontes de aprendizagem e referência, possibilitando realizar outras formas de produção e difusão de saberes que muitas vezes são negadas e/ou expropriadas nos espaços formais de educação.

A proposta do caderno pedagógico configura-se como um material formativo que, através de uma afroperspectiva, sistematiza vivências práticas e teóricas educativas com base afrocentrada, possíveis de ser desenvolvidas em espaços/tempos formais e não formais de educação, com vistas a apresentar um amplo repertório capaz de municiar ações pedagógicas antirracistas.



O Brasil é um país atravessado por extremas desigualdades sócio-raciais derivadas de seu passado escravista que tornou-se um problema estrutural, nesse sentido pesquisadores e pesquisadoras tem se dedicado ao desafio de revisitar a história, pensar e elaborar possibilidades de combate e reversão a séculos de iniquidades raciológicas. A proposta de universalização do acesso às condições materiais dignas de sobrevivência aos seres humanos nos convida a popularizar o pensamento filosófico Ubuntu.

Destaques para possibilidades pedagógicas elaboradas a partir de ações e valores civilizatórios com base em África, que servem de referências para propostas desenvolvimento de políticas públicas afirmativas na luta antirracista, com atuação voltada à educação das relações raciais.

Neste sentido, de que maneira o Ubuntu pode contribuir para a educação das relações étnico-raciais na educação no Brasil?

O viés disruptivo do processo educativo proposto nesse caderno visa promover atos de interrupção do curso natural colonialista e raciológico.

**“Numa sociedade racista, não basta
não ser racista,
é necessário ser antirracista”.**
(Ângela Davis)



Fotografia: acervo particular



Ao contrário acontece atualmente com a apropriação do termo Ubuntu, que gira superficialmente em torno de um conceito colaborativo piegas, que sustenta o viés capitalista de exploração. A real essência da terminologia traz noções de “comunidade” e também variedade de caminhos possíveis, para esse convívio, a generosidade, a atenção, a hospitalidade, a amizade, o cuidado, a interdependência, a compaixão, o apoio mútuo, além da necessidade de interconectar pessoas, apontando para respeito ancestral e igualdade dos povos.

Nesse sentido através desse material propomos o exercício da decolonialidade, da prática antirracista e descolonização dos saberes, pensando em uma linguagem educativa que desague no raciocínio libertário da negritude.

O caderno pedagógico sugere o desenvolvimento de ações educativas complementares fora do contexto escolar, através de vivências de elementos da cultura corporal sob a luz da filosofia Ubuntu, constituindo-se como uma ferramenta que discute questões raciais, com ponto de partida do debate o afrocentrismo, que promove o entendimento dos fatos a partir da própria experiência africana.

**“Se você fica neutro em situações de injustiça, você escolhe o lado do opressor.
Desmond Tutu”**



Fotografia: acervo particular



A FILOSOFIA UBUNTU COMO POTÊNCIA PEDAGÓGICA

Apresentamos as heranças ancestrais africanas como referenciais afrocentrados qualificados para serem inseridos efetivamente no processo educativo, com potencialidade inclusive raras para (re)construção das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, promovendo avanço positivo nas relações humanas, transformando-as em mais justas e equânimes.

Esse caderno aponta a filosofia Ubuntu e o processo de aquilombamento como heranças africanas, que historicamente se reproduzem nas comunidades, complexos e favelas espalhadas pelo Brasil. Elas seguem resistindo pela força da ancestralidade com uma compreensão conceitual do modo de ser e existir por meios sociais, culturais e políticos.

Segundo Nascimento (2016), Ubuntu é uma alternativa antirracista presente entre as filosofias africanas “que se mostram como um clamor do reconhecimento de humanidade e que se afirmam em uma dimensão radicalmente política” (NASCIMENTO, 2016. p. 243).

As sabedorias africanas tradicionais interpretam e articulam o respeito básico pelos outros tanto como uma regra de conduta ou como uma ética social.

“Nos tiraram tanto que até o medo nos tiraram.”



Fotografia: acervo particular



A FILOSOFIA UBUNTU COMO POTÊNCIA PEDAGÓGICA

A proposta pedagógica Ubuntu Afroatividade, sugere o desenvolvimento planejado de ações educativas complementares fora do contexto escolar, através de vivências de elementos da cultura corporal sob a luz da filosofia Ubuntu, constituindo-se como uma ferramenta que discute questões raciais, com ponto de partida do debate o afrocentrado, que promove o entendimento dos fatos a partir da própria experiência africana.

A filosofia Ubuntu tem origem a partir da sabedoria dos povos africanos e acentua o conceito da essência da humanidade com o próximo na perspectiva da coletividade, do nós.

Bas`Ilele Malomalo afirma que "etimologicamente, Ubuntu vem de duas línguas do povo banto, zulu e xhona, que habitam o território da República da África do Sul e não tem uma tradução exata para a língua portuguesa. A ideia central é que "minha existência está conectada a existência do outro."

Ubuntu é uma filosofia de vida que se baseia nos princípios da lealdade, humildade, empatia e o respeito. Transmite-nos uma lição verdadeira de empatia, por meio dela construímos um pensamento de um universo como um todo, orgânico, que tende à harmonia e que as partes individuais existem somente como aspectos da unidade universal, desenvolvendo harmonia e equidade, principalmente a partir do equilíbrio das relações.



AQUILOMBAMENTO PEDAGÓGICO

Os quilombos são instituições africanas e o aquilombamento é a práxis, a prática dessas instituições.

Os processos subjetivos de aceitação e resitência da sua condição de raça e ancestralidade afrodescendente passam por uma construção identitária coletiva e também individual, mas é pelo trato e reivindicação de respeito a cada pessoa com esses aspectos identitários que o termo se fortalece positivamente.

Refletindo historicamente sobre os navios negreiros, eles já eram configurações de comunidades práticas de aprendizagem, pois viabilizavam mesmo que de forma não planejada o compartilhamento de conhecimento experiências através da interação das pessoas escravizadas.

bellhooks (2013), aponta esse espaço de comunidade como “um lugar onde as diferenças fossem reconhecidas, onde todos finalmente compreenderam, aceitaram e afirmaram que nossas maneiras de conhecer são forjadas pela história.

As comunidades de trocas de conhecimento planejadas são tempos/espacos de interação, integração e compartilhamento de experiência nas ações de educação. O pensamento da filosofia Ubuntu tem estratégias e meios de manutenção da vida coletiva que aproxima-se desse pensamento na medida em que os seres humanos se conectam e interagem em comunidade.



AQUILOMBAMENTO PEDAGÓGICO

Beatriz Nascimento, historiadora, trabalha com historiografia negra e aponta que todas as favelas são continuidades contemporâneas dos quilombos. Convictamente as favelas originam-se do processo de aquilombamento.

Os complexos periféricos conhecidos popularmente como CPX, de favelas e comunidades também são espaços com trocas de conhecimento muitas vezes não planejadas.

Penso diariamente, na educação não formal, aquela que acontece fora dos muros da escola. Principalmente na quebrada, através da pedagogia da rua, pois é nela que eu acredito é nela que eu me encontro e sou apaixonado.

Clamo essa referência preta, Conceição Evaristo, para enegrecer nossos corações com trecho desse poema:

“É tempo de formar novos quilombos, em qualquer lugar que estejamos, e que venham os dias futuros, salve 2021, a mística quilombola persiste afirmando: “a liberdade é uma luta constante””

**"Abre a janela da favela, você
vai ver a beleza que tem por
dentro dela"
(Ponto de Equilíbrio)**



Fotografia: acervo particular



FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS SOCIOEDUCATIVOS

Compreensão de jogar com e não jogar contra

Pensar Ubuntu é levar em consideração a interdependência entre as pessoas. É considerar os sujeitos como parte de uma coletividade, que expressa o sentido de comunidade, comunhão e ligação humana. O ato de jogar tem uma relação extremamente íntima com o pensamento Ubuntu, visto que consideramos sempre "jogar com" e nunca o "jogar contra". É preciso reconhecer e valorizar a existência do adversário para que o jogo aconteça. Essas reflexões são importantes e necessárias como ponto de partida para pensarmos em afroperspectivas coletivas.



Fotografia: acervo particular

A práxis pedagógica que orienta esse caderno é a compreensão que no jogo todo mundo ganha, com base nas reflexões filosóficas africanas, absorvemos a máxima win-win, que com base em África expressa a ideia de que "todos ganham".



Vivências da comunidade e não na comunidade

Pautado na relação cultura corporal e filosofia Ubuntu e com abordagem da práxis na perspectiva crítico-superadora, o caderno afropegagógico apresenta-se com um recurso pedagógico que permite o questionamento das “regras do jogo”, um caminho metodológico que visa desencaixotar os elementos da cultura corporal, libertando-os do pragmatismo institucionalizado que promove suas materializações de acordo com os ideais hegemônicos eurocêntricos.

Para materialização do projeto realiza-se uma escuta na comunidade para atender os anseios do público participante em interface com os objetivos propostos. Com uma perspectiva similar às comunidades de aprendizagem, deve-se considerar os saberes existentes sem uma hierarquia nas relações a fim de não engessar as formas de construir as vivências e os saberes.

É fundamental avançarmos nesta discussão, para que possamos compreender a versatilidade conceitual dos elementos da cultura corporal a fim de desvincula-se de definições prontas e acabadas.



Fotografia: acervo particular



Reflexão sobre consciência e soberania alimentar



Fotografia: acervo particular

-“Vocês estão dividindo tudo que vocês tem, o que vão comer amanhã?”

-“Não nos importa o amanhã, tem gente passando fome hoje.”

Comer não é apenas ingerir alimentos, é sim um ato político.

A consciência alimentar é um aspecto extremamente reflexivo nas culturas africanas, como reflexo da diáspora, a preocupação relacionada à divisão e distribuição do alimento é explícita nas comunidades periféricas. Isso não significa apenas um ato piegas de "pena" ou "dó", é um gesto comunitário, coletivo, humano e ancestral.

A divisão nos navios negreiros, nas senzalas, na quebrada é um ato de amor e resistência. Viver Ubuntu é viver o verdadeiro altruísmo, sem recompensa moral, social ou econômica.



PRINCÍPIOS, VALORES E CAMINHOS PEDAGÓGICOS AFRODIASPÓRICOS

O que a África tem a nos ensinar?

Ancestralidade

Circularidade

Oralidade

Memória

Corporeidade

Musicalidade

Amizade

Ludicidade

Espiritualidade

Interconectividade



Fotografias: acervo particular

**As filosofias africanas nutrem o conceito de
humanidade em suas essências.**



PRINCÍPIOS, VALORES E CAMINHOS PEDAGÓGICOS AFRODIASPÓRICOS

Os navios negreiros vieram com para o Brasil não apenas com os corpos pretos do povo africano, mas também com conjunto de aspectos da cultura africana trazidos pelos negros escravizados, aqui esses valores vão se reconstruindo e criando a cultura afrodescendente, que imprimem os valores civilizatórios afro-brasileiros.

A África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural. (TRINDADE, 2013, p. 132).

A partir das produções de referências como Bas’Ilele MaloMalo, Mogobe Ramose e Azoilda Trindade resgatando a sabedoria, legado e as raízes históricas africanas, elencamos e experimentamos elementos que consideramos caros e necessários ao processo educativo da população negra.

**“Educação é o nosso
passaporte para o futuro,
pois o amanhã só
pertence ao povo que
prepara o hoje.”
(Malcom X)**



Fotografia: acervo particular



Ancestralidade

Precisamos honrar os nossos ancestrais e criar um legado positivo para as futuras gerações compreenderem que a ancestralidade se materializa enquanto continuidade, que se faz presente nas crianças, nos adultos e nos mais velhos. Para Bas'Ilele Malomalo, na filosofia negro-africana a ancestralidade é eixo do entendimento da nossa existência, do ser e pertencer.

Advogamos para uma educação afrocentrada, que considere a construção da sociedade brasileira a partir das suas heranças, que são africanas e humanamente produzidas a partir da perspectiva do ser negro, uma afroperspectivista, que implica em uma interpretação diferente da história mais contada, fugindo do perigo da história única debatido por Chimamanda Ngozi Adichie.

Para tratar pedagogicamente os elementos da cultura corporal que historicamente são produzidos pelos seres humanos, esse caderno potencializa a relação com os princípios filosóficos ubuntuísticos ancestrais. O exercício desse caderno é rememorar, resgatar e contar nossas vitórias e legados a partir do nosso lugar de escrevientes negros.

"A ancestralidade é um registro genético e espiritual".



Fotografia: acervo particular



Circularidade

Característica marcante nas manifestações das culturas de matriz africana a circularidade tem destaque por apontar para o movimento. Como exemplo temos o xirê, o samba de roda, a capoeira, a ciranda, as brincadeiras populares.

Em círculo estamos frente a frente, podemos olhar uns aos outros e sentir a verdade de cada ser através das expressões verbais e ou corporais. A circularidade proporciona fluidez na comunicação, sem hierarquização dos saberes, cada um conhece algo e ignora algo e a partilha nos faz mais generosos.

"Nossa origem é circular, é o círculo uterino de nossa mãe". As hierarquias verticais bloqueiam e impedem o fluxo na troca dos conhecimentos, na horizontalidade há movimento, os saberes circulam com leveza, é vida.

Estar ombreados, lado a lado com os nossos, nos permite melhor organização para nos defender, pois juntos somos mais fortes.

Para Trindade (2006), a circularidade é, um elemento capaz de criar uma atmosfera de conexão e possibilidades.

"O que entra no interior de um círculo já o compõe".



Fotografia: acervo particular



Oralidade

A oralidade é muito importante, mesmo convivendo com as inovações tecnológicas que a modernidade oferece. Nesse universo, ela ainda prevalece resistindo aos avanços da modernidade. (ABIB, 2005).

Esse importante elemento nos permite um feixe amplo de percepções e possibilidades, registrando na memória a história dos afrodescendentes

A tradição oral é uma das principais características afrodiáspóricas, esse elemento é fundamental no processo de transmissão do conhecimento pelas narrativas filosóficas africanas que ensinam que nós dependemos uns dos outros para atingirmos a plenitude. Essa tradição é uma grande escola da vida, pois abarca todo sentido de existência do ser humano, nela mora a consciência da ancestralidade, da cultura.

Nas materializações dos encontros a contação de histórias, o compartilhamento de saberes, o resgate das memórias, as expressões dos desejos são momentos de ensino/aprendizagem que orgânicos e ímpares, os participantes se presenteiam com a possibilidade de "ler e escutar" outros sentidos educativos.

"A oralidade é a tradição viva".



Fotografia: acervo particular



Memória

A memória, enquanto patrimônio de saberes e conhecimentos, cuidadosamente armazenados e organizados, através de um processo ativo de seleção de fatos considerados importantes para a história social de um coletivo, exerce a função de amálgama do grupo, através do fortalecimento dos vínculos sociais, de afirmação da identidade coletiva e da definição de um ethos que é constituído em razão da importância que o passado em vigor e a ancestralidade assumem no imaginário o grupo. (ABIB, 2005).

As filosofias africanas são tecidas por tradições, culturas preservadas e transmitidas com base nas memórias ancestrais, grafadas em nossa mente e bordadas em nossos corpos. Esse elemento nos possibilita trabalhar com a trajetória, a reminiscência e perceber as influências do legado educativo da cultura da afrodiaspórica na formação humana.

É de suma importância utilizar o legado ancestral no espaço educativo não formal, articulando cultura popular, conhecimentos formais, saberes e suas formas de transmissão.

"Exercitar a memória é uma grande oportunidade de revisitar a história."



Fotografia: acervo particular



Corporeidade

Noção trabalhada a fim de lembrar que o corpo é nosso mais importante e sagrado patrimônio de cultivo da vida. As experiências corporais vivenciadas de forma consciente promovem para além do movimento, a oportunidade de reflexão sobre corpo político, que ocupa tempo/espço com suas particulares de cor, gênero e classe social.

Existem expressões que desumanizam as pessoas negras de tal modo que a sua corporeidade, intelectualidade e existência são desprezadas. É fundamental o reconhecimento do lugar de fala da pessoa racialmente excluída, pois a sua corporeidade, e memória constroem significados existenciais e sociais.

No projeto experimentar elementos da cultura corporal sistematizados à luz de conhecimentos afrodiaspóricos promovem a identificação e fortalecimento das nossas próprias subjetividades a partir de afroperspectivas que levam em consideração o nosso corpo preto como ponto de partida, fortalecendo ou criando identificação com o ser negro.

"É desafiador morar em um corpo preto!"



Fotografia: acervo particular



Musicalidade

A musicalidade nos remete aos sons que fazem referências à potência criativa dos povos, além de rememorar cultura, contar histórias e legados.

Uma das mais potentes ferramentas da cultura afro, a musicalidade marcou um tempo escravagista, foi um dos mais importantes instrumentos de resistência à escravidão, servindo também como um meio de transmissão de conhecimento para outras gerações no trabalho coletivo.

E falando sobre África e diáspora, esse elemento milenar de identidade canta e conta histórias, tanto rememorando o passado como atualmente fortalecendo a autoestima negra e descrevendo a realidade do dia-a-dia nos guetos e favelas.

Esse elemento cultural fortalece a formação da identidade negra a partir da ancestralidade e tradição africana, pois a musicalidade foi um importante instrumento de resistência à escravidão.

Através da musicalidade as energias fluem e promovem momentos de alegria, reflexões, críticas e principalmente identificação.

"Eu num li, eu não assisti,
Eu vivo o negro drama,
Eu sou o negro drama,
Eu sou o fruto do negro
drama".

(Racionais MC's)



Fotografia: acervo particular



Amizade

Acredito que a cultura negra é plural e coletiva.

Quando falamos sobre cultura negra, precisamos empregar sempre a palavra 'coletivo', visto que pensar em africanidade é pensar em comunidade, em diversidade e em grupo, na perspectiva de valorizar a cultura do plural e do compartilhamento com o outro, do companheirismo da amizade.

Muito do que se entende por amizade na sociedade ocidental é herança da cultura clássica, a partir de Aristóteles. No Ocidente, o individualismo, muitas vezes, se traduz em uma competitividade impetuosa e isso está em contraste com a preferência africana. Ao contrário, a filosofia Ubuntu proclama que a realidade e vivência dos seres vivos e não só, estão interconectadas, desta maneira, a condição humana é uma existência coletiva.

Uma pessoa que vive Ubuntu tem consciência de que ela também é afetada quando seus semelhantes são diminuídos ou oprimidos. É uma filosofia de vida que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas.

Malungo:

Na gíria falada pelos negros brasileiros durante a escravidão, o termo quer dizer, "companheiro", pessoa da mesma condição.

“Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo”



Fotografia: acervo particular



Ludicidade

Estudos como artigo “O lúdico em clássicos da filosofia: uma análise em Platão, Aristóteles e Rousseau” de caráter bibliográfico evidenciaram que as percepções dos filósofos sobre o lúdico apontam sua importância, não apenas para o entretenimento, mas também como ferramenta para auxiliar no desenvolvimento humano

O princípio da ludicidade na afroperspectiva faz o contraponto com os valores capitalistas que reforçam a ideia obrigatória de divisão expressa entre vencedores e perdedores, mais fortes e mais fracos, mais velozes e mais lentos, pobres e ricos.

A partir dos estudos com base em África e nas filosofias e na filosofia Ubuntu, percebemos que não há espaço para a competição exclusiva, com fim de si mesmo, sem reflexão crítica.

Reflexão:

O ser humano uma espécie naturalmente competitiva?



Fotografia: acervo particular

Descolonizando o pensamento. Ao invés de pensarmos que há uma competição de espermatozoides para gerar a vida, podemos compreender como uma cooperação entre eles para que um ou mais possam alcançar o objetivo.



Espiritualidade

Existe a máxima africana que diz, cada cabeça é um mundo. Mas, o respeito é um elemento primordial para o convívio harmônico coletivo. E a espiritualidade sem dúvida é crença, escolha e vivência a partir das subjetividades de cada ser humano e por isso com base na sabedoria africana, vamos construir de forma empática uma relação de respeito com o sagrado do outro.

A lógica colonial é limitante e nos divide, aqui a proposta de falar sobre espiritualidade é construir as pontes de energia positiva que nos conecta, não que nos separe.

Em África, a espiritualidade apresenta-se como base para a manifestação das tradições e costumes, que sustentam a compreensão do cosmo dentro de uma equação fundamentada na ordem, harmonia e equilíbrio.

É possível perceber como marca identitária dos povos africanos subsaarianos, um clima de espiritualidade metafísica que conduz uma ética que visa fortalecer, cuidar, gerar e transmitir vida através do pensamento Ubuntu.

"E tudo que a gente aprendeu é liberdade, por onde for leve o seu guia, o coração".



Fotografia: acervo particular



Interconectividade

Bas'Ilele Malomalo (2014), nos explica que, do ponto de vista filosófico e antropológico, por exemplo o Ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino a comunidade e a natureza sejam seres animados e ou inanimados.

Para os povos africanos e seus descendentes, toda e qualquer existência é sagrada, isso significa que deve haver respeito pois tudo o que existe é divino, a ideia sugere que todas as coisas no universo estão interconectadas e tudo o que fazemos, consciente ou inconscientemente, afeta, não apenas a nós mesmos, mas todo o universo que está ao nosso redor.

Desmond Tutu, consagrado com o Prêmio Nobel da Paz em 1984 por sua luta contra o Apartheid, relaciona Ubuntu com interconectividade, fraternidade, compaixão e abertura do espírito para a existência, de forma que o conceito se afirma como uma teologia que se opõe à violência e que tem no perdão o único caminho para a justiça e o equilíbrio.



Fotografia: acervo particular

"Tudo que nós tem é nós".
Emicida



EXPERIÊNCIAS CONSCIENTES COM ELEMENTO DA CULTURA CORPORAL

A forma metodológica de vivenciar as atividades corporais sugeridas no projeto Ubuntu Afroatividade, são experiências a serem materializadas na perspectiva de consolidar a identidade do próprio projeto como uma proposta educacional em consonância com as orientações pedagógicas histórico-críticas.

Elas apontam para o respeito à diversidade e compreensão sobre as relações étnico-raciais, com debates politizados de valorização e fomento histórico cultural constituinte de uma educação crítica qualificada, construída através de uma práxis pedagógica que reflete nas vivências sociais cotidianas.

Essas experiências tem a capacidade de promover conscientização, fortalecimento e fomento da cultura corporal a partir dos elementos acessíveis da cultura corporal apresentados e escolhidos coletivamente com os participantes do projeto.

A metodologia agenciada por este caderno visa fortalecer a dimensão educacional das práticas da cultura corporal, estimulando o desenvolvimento integral dos participantes, sua consciência e autonomia frente a sua corporeidade, potencializando formação crítica e emancipatória.

**“Qualquer discriminação é imoral
e lutar contra ela é um dever.”
(Paulo Freire)**



EXPERIÊNCIAS CONSCIENTES COM ELEMENTO DA CULTURA CORPORAL

Possibilita identificar, reconhecer e respeitar as atividades enquanto memória e preservação de uma cultura,

Permite diferenciar as dimensões das práticas corporais, competitivas, participativas e educacionais,

Potencializa a compreensão das relação que a sociedade estabelece entre gênero, raça e práticas esportivas,

Agencia a compreensão do funcionam dos mecanismos de organização e administração de eventos, torneiros, campeonatos e festivais,

Amplia o lastro de experiências e enriquecimento dos aspectos psicomotores,

Promove integração e ampliação das relações sociais e estímulo do equilíbrio emocional,

Oportuniza reflexões relacionadas as situações de vitória, derrota e respeito as diferenças,

Estimula a criatividade, tomada de decisões e convívio com a democracia.

**“Como negra(o), não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa.”
(Djamila Ribeiro)**



Fotografia: acervo particular



SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS AFROPEDAGÓGICAS

Projeto: Ubuntu Afroatividade

Professor: Carlos Elber Ribeiro Machado

Orientador: Rafael PetryTrapp

Espaço: Quadra Poliesportiva

Público: Jovens do bairro Zilda Arns

Formato: Presencial com auxílio remoto

Período: 03 meses (26 encontros com 02 aulas para cada tema)

Datas	Rodas de conversas Antirracistas	Reflexões dos valores Ubuntu	Vivências da cultura corporal	Registro de afrosaberes
	Aquilombamento	Reunião de apresentação do projeto	Dinâmicas de socialização	Registro fotográfico
	Ancestralidade	História afrodiaspórica e pertencimento	Futsal e Frisbee	Nuvem de palavras
	Circularidade	(des)hierarquização dos saberes, conhecimento e proteção coletiva	Futsal e Fut-redinha ou futmesa	Escrever texto no whatsapp
	Oralidade	Tradição, legados afrodiapóricos e sabedoria popular (Sankofa)	Futsal e Baleado	Gravar áudio no whatsapp
	Memória	Compaixão perante desigualdades sociais e raciais	Futsal e Dama	Desenhar e fotografar a produção
	Corporeidade	Cultura corporal, afroestética e sobrevivência do corpo preto.	Futsal e Slackline	Fazer colagem Com revistas



Datas	Rodas de conversas Antirracistas	Reflexões dos valores Ubuntu	Vivências da cultura corporal	Registro de afrosaberes
	Musicalidade	Alegria, reflexão crítica e identificação com textos musicais	Futsal e Frisbee	Nuvem de palavras
	Amizade	Empatia, parceria, responsabilidade com próximo. (Malungu)	Futsal e Futmesa	Escrever texto no whatsapp
	Ludicidade	Diversão coletiva e desnaturalização do racismo recreativo	Futsal e Baleado	Gravar áudio no whatsapp
	Espiritualidade	Combate a intolerância religiosa e valorização do sagrado	Futsal e Dama	Desenhar e fotografar a produção
	Interconectividade	Necessidade de valorização da relação interpessoal	Futsal e Slackline	Fazer colagem Com revistas
	Convicção Ubuntu	Diálogo sobre afroperspectivas e finalização do ciclo de encontros	Festival de Futsal	Registro fotográfico

Atividades remotas sistematizadas:

- Compartilhamento em grupo de vídeos, filmes, frases e clipes temáticos,
- Fomento discussões e leituras sobre filosofia Ubuntu e outras produções antirracistas,
- Acompanhamento etnográfico virtual via redes sociais.



ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DO PROJETO

AQUILOMBAMENTO DOS PARTICIPANTES

Realizar uma busca ativa e direcionada de participantes para o projeto;

Criar estratégias para divulgação do projeto, definição de espaços, dias e horários;

Apresentação do projeto para os possíveis participantes,

Realização de escuta/registro das sugestões e críticas dos possíveis participantes do projeto,

Realizar inscrição no projeto e preenchimento de termo de consentimento livre esclarecido.



Fotografia: acervo particular

**"Não estamos em menor número, estamos desorganizados"
(Malcolm X)**



ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DO PROJETO

CONSTRUÇÃO SISTEMÁTICA DE AFROCONHECIMENTO

Rodas de conversa rotineiras com temáticas antirracistas,

Leituras e reflexões sobre filosofias africanas e provérbios africanos,

Reconhecimento de importantes referências negras famosas e invisibilizadas,

Reconhecimento de pensadores negros essenciais na construção da consciência racial.

Uso de símbolos Adinkra, signos e elementos representativos das culturas africanas,

Criação de canais de comunicação e socialização de textos, informativos, vídeos, mensagens, reflexões, etc



Fotografia: acervo particular



ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DO PROJETO

POSSIBILIDADES DE REGISTROS DOS AFROSABERES

Produção de textos individuais e coletivos,

Registros fotográficos com olhar dos participantes,

Nuvem de palavras que representem as compreensões,

Criação de desenhos ilustrativos livres,

Gravação de áudios reflexivos individuais,

Gravação de vídeos das atividades ou expressões,

Colagens com figuras e ou palavras representativas.



Fotografia: acervo particular

Obs: Desenho produzido por um participante do projeto Ubuntu Afroatividade



ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DO PROJETO

HIPÓTESES

Valorização dos saberes afrodiaspóricos,

Valorização da cultura negra,

Promoção do processo de racialização dos participantes,

Contribuição com uma leitura de mundo crítico reflexiva,

Promoção deslocamento acerca do olhar para o negro.



Fotografia: acervo particular

**“Não somos descendente de escravos.
Somos descendente de pessoas que
foram escravizadas.”
(MakotaValdina)**



ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DO PROJETO

SUGESTÕES DE POSSÍVEIS AÇÕES COMUNITÁRIAS

Doação de sangue;

Campanha de redistribuição de brinquedos;

Campanha de redistribuição de roupas;

Colagem de lambe-lambes educativos;

Plantio de árvores no bairro;

Limpeza de espaços comunitários.



Fotografia: acervo particular



ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DO PROJETO

AVALIAÇÃO DO PROJETO UBUNTU AFROATIVIDADE

Indicadores de resultados imediatos:

Arguir nas rodas diárias de conversa

Registros de frequência via lista de presença

Indicadores fixos:

Acompanhar os registros escritos via redes sociais

Averiguar impacto dos registros fotográficos

Indicadores dos impactos:

Aplicação de questionário específico

Análise de escrevivência do participante

Indicadores externos:

Opinião comunitária

Feedback dos possíveis parceiros



Fotografia: acervo particular



REFLEXÕES AFROCENTRADAS

Precisamos tratar o racismo como ele é, um fenômeno social e não biológico.

Primeiramente, é preciso pontuar que os seres humanos fazem parte de uma única espécie, reconhecendo que o conceito de raça é constituído a partir de componentes muito mais amplos do que apenas o biológico, abrangendo também aspectos sociais e culturais.

Nessa perspectiva de compreensão, se faz necessário debates e ações antirracistas com abordagens históricas, sociais e culturais do racismo, para que possamos romper com preconceitos tão arraigados na sociedade.

O caderno afropedagógico Ubuntu Afroatividade materializa-se como um intencional método educativo antirracista e promotor ancestral de (re)afirmação da identidade negra.

**“Não dá para falar em consciência humana enquanto pessoas negras não tiverem direitos iguais e sequer forem tratadas como humanas.”
(Djamila Ribeiro)**



Fotografia: acervo particular



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

SÍMBOLOS ADINKRA

Esses símbolos Adinkras são tecnologias ancestrais africanas do campo das linguagens. Esses ideogramas expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais com base na ancestralidade e sabedoria africana.

Os símbolos Adinkras são ideogramas que surgem como conjunto estampados principalmente em tecidos e adereços esculpido em madeira ou em peças de ferro, como se fossem carimbos.

Os símbolos possuem nomes e significados que podem estar associados a fatos históricos, características de animais, vegetais ou até mesmo a algum tipo de comportamento humano. Eles refletem sobre os costumes e valores tradicionais específicos, conceitos filosóficos, códigos de conduta e as normas sociais com base na cultura africana.

Após a compreensão e valorização histórica desses elementos, agenciamos os símbolos Adinkras como conjunto de símbolos ou ideogramas que expressam em provérbios conceituais, valores, caminhos e princípios africanos como possibilidades afropedagógicas educativas.

Optamos por conhecer e valorizar as epistemologias africanas e utilizamos como referência para desenvolvimento da proposta a utilização de alguns símbolos.



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

SÍMBOLOS ADINKRA

Se um processo educativo não confrontar o preconceito e o racismo, certamente ele fortalecerá e consolidará as bases sociais que valorizam as práticas racistas, tanto realizadas de forma individualizada, sobretudo, enquanto estrutura social. Precisamos dissolver as identidades criadas pelo colonialismo e possibilitar escutas às vozes historicamente silenciadas.

Na experiência educativa do Projeto Ubuntu Afroatividade, os símbolos tiveram uma importância significativa na representação e simbologia de conceitos ancestrais de empoderamento.

Com a possibilidade subjetiva de interpretar individualmente e riqueza ampliar o debate coletivo a partir dos elementos expressos em formas de figuras, o professor tem a chance de contextualizar e conceituar princípios e valores antirracistas.

Os elementos expressam em provérbios os valores dos povos africanos, trazem como legado cultural a possibilidade de resgate e reflexão dessa herança educativa.

Nesse material alguns símbolos são apresentados com a intenção de servir como inspiração e incentivo pedagógico, usufruindo dos seus significados para relacioná-los como referências da história e cultura africana, contribuindo com a superação do racismo e promoção da diversidade.



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

SUGESTÕES DE SÍMBOLOS ADINKRA



O ADINKRA HENE

Símbolo da grandeza e da liderança.
Esse Adinkra representa aquele que é senhor de si mesmo e irradia sua força para os demais.



O ANDINKRA SANKOFA

Símbolo do valor do passado.
Esse adinkra representa o valor do passado e a necessidade de valorizar raízes.



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

SUGESTÕES DE SÍMBOLOS ADINKRA



O ANDINKRA NKONSONKONSON

Símbolo da unidade pelo passado.

Esse Adinkra representa a força do movimento negro.



O ADINKRA AYA

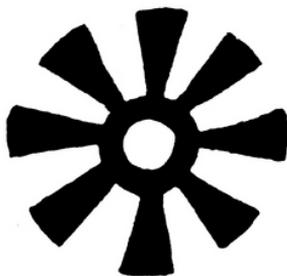
Símbolo da resistência e da perseverança.

Esse Adinkra representa uma prova da força e do direito dos povos africanos.



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

SUGESTÕES DE SÍMBOLOS ADINKRA



O ANDINKRA ANANSE NTONTAN

Símbolo da sabedoria e criatividade.

Esse Adinkra similar a uma teia de aranha, reflete e as complexidades da vida.



O ANDINKRA DUAFE

Símbolo do cuidado com a beleza

Esse Adinkra representa a limpeza dos cabelos como forma de mostrar a realeza e supremacia da raça.



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

LEITURA REFLEXIVA - Conto Ubuntu

Um antropólogo estava estudando os usos e costumes de uma tribo na África e, quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto de volta pra casa. Sobrava muito tempo, mas ele não queria catequizar os membros da tribo, então, propôs uma brincadeira para as crianças, que achou ser inofensiva. Comprou uma porção de doces e guloseimas na cidade, colocou tudo num cesto bem bonito com laço de fita e deixou o cesto debaixo de uma árvore. Chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse "já!", elas deveriam sair correndo até o cesto e, a que chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro. As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse "Já!", instantaneamente todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e a comerem felizes. O antropólogo foi ao encontro delas e perguntou porque elas tinham ido todas juntas se uma só poderia ficar com tudo que havia no cesto e, assim, ganhar muito mais doces. Elas simplesmente responderam: "Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?" Ele ficou de cara! Meses e meses trabalhando nisso, estudando a tribo, e ainda não havia compreendido, de verdade, a essência daquele povo. Ou jamais teria proposto uma competição, certo?

Obs: Historinha contada no primeiro encontro, com inspiração nas vivências do projeto.



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

OUTRAS POSSIBILIDADES AFROPEGAGÓGICAS

A diversidade sistematizada de afrosaberes da proposta pelo projeto Ubuntu Afrotividade marca a possibilidade indelével de experiências múltiplas, capazes de contribuir com ou uma formação mais rica e plural.

O leque de possibilidades propostas pelo projeto, têm papel fundamental no processo educativo e emancipatório, pois contribui com a potencialização das habilidades intelectuais, sociais e criativas dos sujeitos, com conhecimento que vai para além das questões técnicas, pois há uma reflexão e relação com a compreensão social e histórica da produção humana.

A partir daí, é possível pensar práticas de educacionais que considerem discussões com contextos sociais de produção, bem como as relações de poder e hierarquia existentes. Dessa forma as experiências do projeto podem ser compreendidas como um processo que se relaciona com a realidade social, econômica e histórica que as pessoas estão inseridas.

Este caderno sugere e estimula a materialização de possibilidades afropedagógicas no campo da cultura corporal e das artes como como potencialidades para o desenvolvimento de senso crítico reflexivo e fortalecimento da identidade da população negra. Pensando nessas articulações afropedagógicas seguem em exemplos de realizações para diálogos educativos.



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

PRODUÇÃO REFLEXIVA - Poesia aos malungos

Papo de "nós" 🖐️❤️

Peço licença para desatar/falar de nós de forma inteligente. Contamos nossa história, não só das chicotadas, mas das nossas glórias, que serão marcadas eternamente. Quão perverso é o racismo estrutural que nos silencia diuturnamente... que quando não nos apaga, nos rasura, nos borra, impiedosamente...

Por afeto aos meus, seguirei contando uma história diferente, dos meus crias, malungos que chamo de meus, principalmente. Vocês esperam ansiosamente, que eu fale sobre drogas, brigas e mal comportamento.. Tudo isso para dizer: "não falei", repetidamente...

Mas o que mostro e conto, é a realidade de uma juventude resistente, que luta contra imposições, negações e provocações de quem quer nos ver descontrolados para dizer: "não falei", sem pensar em passar um pano quente...

Lutamos para superar as expectativas do "mais do mesmo", diariamente, e isso não é por vocês, mas sim por nós mesmos, por nossa ancestralidade. Sempre por nossa gente.

Por: Carlos Elber



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

PRODUÇÃO REFLEXIVA - Rima Preta

Peço licença e vou chegando com respeito,
Com uma missão bem produtiva,
Vamos com tudo combater o preconceito,
Compartilhando uma mensagem antirracista,

O papo é reto,
E bastante interessante,
Vamos construindo aprendizado,
E uma mudança importante,

Ouvindo nossas histórias,
E refletindo com eficiência,
Vou lembrando nossas glórias,
E acumulando experiência,

De mãos dadas e com afeto,
Procuramos sempre dialogar,
Aprendendo o que achamos certo,
Para depois compartilhar,

Pra fechar com papo reto,
A benção pra me despedir,
Sigo no mundo pelo certo,
Sou Ubuntu, vou resistir.

Prof. Carlos Elber

Obs: Rima criada no segundo encontro, com inspiração nas vivências do projeto.



INDICAÇÕES DE AFROSABERES

PRODUÇÃO REFLEXIVA - Nosso Rap

Nós na pose de quebrada,
E batendo um papo reto,
Conversando com a rapaziada,
E ficando mais esperto,

É na circularidade,..
Que a conversa vai fluindo,
E na coletividade,
Nós vamos evoluindo,

Vivendo afroatividade,
É a energia que não para,
E na nossa comunidade,
Somos a força da quebrada,

Nós somos a resistência,
Temos a nossa identidade,
Nós somos negros e potência,
E Ubuntu é a liberdade.

Prof. Carlos Elber

Obs: Rap criado no terceiro encontro, com inspiração nas vivências do projeto.



REGISTROS DAS VIVÊNCIAS UBUNTU AFROATIVIDADE



REGISTROS DAS VIVÊNCIAS UBUNTU AFROATIVIDADE



CONSIDERAÇÕES

Ubuntu é uma das filosofias africanas ancestrais que aponta para os princípios de pertencimento coletivo, com base no respeito, generosidade, compaixão, atenção, interdependência e amizade. Sem ser piegas, compreende a existência humana na relação mútua do "nós somos".

As reflexões propostas na rede social são importantes e necessárias como ponto de partida para pensarmos em afroperspectivas. Precisamos enegrecer nossas referências. Resgatar e contar nossas vitórias e legados a partir do nosso lugar de escrevintes.

A base do pensamento Ubuntu Afroatividade é um espaço/tempo de escrevivências afrocentradas, com experiências sistematizados dos elementos da cultura corporal à luz da filosofia africana Ubuntu.

Precisamos falar/ouvir sobre nossa verdadeira história, principalmente a partir de uma perspectiva afrocentrada, com narrativas e referências próprias.

Levar em consideração a diáspora, sem romantizar a história, pois o processo de dispersão de diversos povos do continente africano, foi violento, com sequestro, submissão aos maus tratos e ao trabalho forçado. Precisamos como a Sankofa, voltar ao passado para compreender nosso presente e planejar nosso futuro. Se historicamente fomos nós que construímos, logo fazemos parte da história e é tudo nosso.

"Caminho se faz, caminhando."



SUGESTÕES DE CONTEÚDOS AFROCENTRADOS

SUGESTÕES DE PÁGINAS AFROPEDAGÓGICAS:

<https://filosofia-africana.weebly.com/>

<https://primeirosnegros.com/acervo-de-artigos/>

<https://www.geledes.org.br/>

<https://www.pordentrodaafrica.com/>

<https://africaeafrikanidades.com.br/>

SUGESTÕES DE CONTEÚDOS E ENDEREÇOS:

FLIP 2017 – Participação de Diva Guimarães
www.youtube.com/watch?v=Z5aS8bukb2o&t=163s

Emicida: AmarElo - É Tudo Pra Ontem
www.netflix.com/br/title/81306298

O perigo de uma história única - Chimamanda Adichie
www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ

Mudança possível pela coletividade - India Arvore
www.youtube.com/watch?v=JZ8Q6cvu92s



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org). Afrocentricidade. São Paulo: Selo Negro, 2009.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. 11ª Reimpressão. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, João Batista. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo, SP: Scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HALL, S. Quem precisa de identidade. In: Silva, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2011a.

hooks, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos: para que?. São Paulo: Cortez, 2002.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MALOMALO, Bas'ilele. Filosofia Ubuntu: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: Editora CRV, 2014.

MALOMALO, B. Eu só existo porque nós existimos. Revista Instituto Humanitas Unisinos, 353, ano X, 2010.

MALOMALO, Bas'Ilele. Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2014.

MALOMALO, Bas'Ilele. “Eu só existo porque nós existimos”: a ética Ubuntu. Entrevistas publicadas pela Revista do Instituto Humanitas Unisinos. 353, p. 19-23, em 06 de dezembro de 2010. <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3691-bas%E2%80%99ilele-malomalo>. Acessado em 17 de abril de 2021.

MUNANGA. Kabenguele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? Revista da ABPN, v.4, n.8, pp.06-14, 2012.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NASCIMENTO, Alexandre do. Ubuntu como fundamento. UJIMA – Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros. nº20. Ano. 20, 2014. Disponível em: <
https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/alexandre_do_nascimento_-_ubuntu_como_fundamento.pdf> Acesso: 13 de março 2021.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Aproximações Brasileiras às Filosofias Africanas: Caminhos Desde uma Ontologia Ubuntu. In: Prometeus Filosofia, ano 09, número 21, Dezembro/2016.

NASCIMENTO, W. F. Ubuntu: potências mais além dos equívocos. [Entrevista cedida a] Silvano Euclênio. Pensar Africanamente – Canal YouTube , 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c2KsxlZFJMc>. Acesso em: 28 de novembro de 2021.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. Revista da ABPN.V.3 p. 147-150. 2011.

NOGUERA, Renato. Afrocentricidade e Educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. Revista África de Africanidades, CidadeRio de Janeiro, ano 3, n. 11, nov. 2010.

NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. Infância, Ubuntu e Teko Porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. Childhood & Philosophy, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, set.-dez. 2018.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. Revista Sul- Americana de Filosofia e Educação, n.18: mai-out/2012, p. 62 – 73

OLIVEIRA, Sávio Assis de. Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica/Sávio Assis de Oliveira.- 3. ed. - Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2010. (Coleção educação física e esportes). 217 p

RAMOSE, Mogobe. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. v. 4, p. 06-24, out. 2011.

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático.

RAMOSE, Mogobe B. A importância vital do “Nós”. Entrevistas publicadas pela Revista do Instituto Humanitas Unisinos em 06 de dezembro de 2010.

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3687&secao=353. Acessado em 17 de abril de 2021.

RAMOSE, Mogobe B. African Philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999, p.49-66. A filosofia do ubuntu e ubuntu como uma filosofia. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

RAMOSE, M. B. Sobre a legitimidade da filosofia e o estudo da filosofia africana. Ensaios filosóficos, volume IV, outubro, 2011.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen. Disponível em:<
https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe_b._ramose_-_a_%C3%A9tica_do_ubuntu.pdf>.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica. ed.11.rev. São Paulo: Autores Associados, 2011. (Coleção educação contemporânea). p.11-20.

TRINDADE, Azoilda L. da. Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, P.; TRINDADE, A. L. da. (orgs.). Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da (org.). Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro. Rio de Janeiro: TV escola /MEC, 2013.

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões Sociais do Esporte. 2ª ed., São Paulo, 2001.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. Movimento, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 4-17, 2 de set. 1996.





NÓS POR NÓS

